

Pioneiros

As histórias daqueles que abriram caminho para transformar Brusque na cidade que hoje conhecemos

Ministério do Turismo

Secretaria Especial da Cultura

Patrocínio Master

Havan S.A (conf. art.18 Lei 8.313)

Site

www.minhasantacatarina.com.br

Parceria

O Município: pesquisa histórica, levantamento de informações e hospedagem web.

Coordenação geral

Sérgio Valle / PrismaCultural

Coordenação editorial

Marcelo Reis

Produção executiva

Andrei Paloschi

Assistente

Everton Caetano

Pesquisa e textos

Jornal O Município

Bárbara Sales

João Vítor Roberge

Pesquisa de fotos

Marcelo Reis

Projeto gráfico, montagem e versão final

Raffcom

Desenvolvimento web

ServerDo.in

Os pioneiros de Brusque

História da cidade é marcada por pioneirismo em vários segmentos

A história de Brusque é marcada por grandes feitos e pioneirismos.

O grande marco da cidade, sem dúvida, foi a criação da Fábrica de Tecidos Carlos Renaux, em 1892, que mais tarde deu origem ao slogan “Brusque: Berço da Fiação Catarinense”, já que foi a primeira indústria a instalar uma fiação em Santa Catarina.

Mas os brusquenses foram além. Daqui surgiram vários projetos que ganharam reconhecimento nacional.

Um exemplo é a geladeira. Foi em uma oficina na rua Tiradentes que surgiu o primeiro modelo a gás do país, em 1947. A experiência logo se transformou em negócio lucrativo e deu origem à Consul, fábrica com sede em Joinville, que continua ativa.

Também foi em um laboratório de Brusque que foi criado o xarope Melagrião e o fortificante Sadol, ambos reconhecidos em todo o país.

Não se pode esquecer, é claro, dos pioneirismos locais. Brusque é uma cidade empreendedora e repleta de grandes histórias. Muitos foram os que se arriscaram em negócios até então inexplorados no município, abrindo caminho para a cidade que temos hoje.

Alguns desses negócios pioneiros e centenários continuam a traçar sua história na cidade como a Joalheria Gevaerd e a Vinagres Heining.

Também seguem na ativa, fazendo parte do dia a dia de Brusque, a Rádio Araguaia, a Fundação Hércules, o Laboratório Heinz Willrich e o Cine Gracher.

Outros pioneiros já encerraram sua história, mas serviram como referência para tantos empreendedores que hoje movimentam a economia da cidade em todos os segmentos.

Neste material especial, O Município faz uma homenagem a todos os pioneiros de Brusque que muito contribuíram para transformar Brusque na cidade que hoje conhecemos.

Aventuras e desventuras de Heinz Willrich

Graduado em farmácia, filho de alemães passou boa parte da vida em Florianópolis antes de ser pioneiro em Brusque

Não havia um espaço de exames laboratoriais em Brusque até o retorno de Heinz Willrich. O farmacêutico brusquense, filho de imigrantes alemães, viveu parte da sua vida em Florianópolis, onde aprendeu o ofício que o tornou pioneiro no ramo em sua cidade natal. Até hoje, aos 84 anos, ele trabalha nos laboratórios Heinz Willrich.

Adolescência em Florianópolis

Willrich nasceu em 5 de fevereiro de 1935 e foi criado no número 71 da rua Humaitá, atual rua Ewaldo Ristow, no Centro de Brusque. A maior parte de seus irmãos era operária, trabalhando junto com seu pai, Oscar Willrich, que era contramestre nas indústrias Schlösser, e depois de um tempo passou a trabalhar na Büettner.

“Deus deu o livre arbítrio às pessoas, e eu decidi que não seguiria o caminho dos meus irmãos. Eu queria ser rico, famoso e gozar a vida (risos), tinha um longo caminho para isso”, lembra.

IMAGEM: Heinz Willrich posa para a foto vestindo o uniforme do seu laboratório: uma camisa branca social com o símbolo do laboratório.

O então futuro pioneiro estudou até o equivalente ao Ensino Fundamental em Brusque. Em 1952, com 17 anos, foi a Florianópolis. Seu pai não tinha condições de pagar uma pensão. No entanto, havia um inspetor escolar de Brusque, ao qual Willrich se refere como inspetor Coelho. “Era um conhecido da família, inspecionava algumas escolas, inclusive a Feliciano Pires, que era e é estadual”, explica.

O inspetor Coelho trabalhava na Secretaria de Educação e o nomeou ainda em 1952 como professor em uma escola supletiva na rua dos Ilhéus, no Centro, próxima à Praça XV. Ao concluir o chamado “curso normal”, equivalente ao Ensino Médio, no Instituto Dias Velho, estava qualificado a exercer a função, que era para alfabetizar adultos. Também fez o curso comercial, para depois prestar vestibular. Com o trabalho de professor, pôde pagar sua pensão sem precisar dos sacrifícios do pai.

“Minha intenção era cursar medicina. Mas quando vi a fila [de inscrição] de medicina, havia dezenas de candidatos por vaga. Imagina, treme a base, um alemão colono do interior, cheio de sotaque, que passava as férias todas na Guabiruba falando só alemão na casa dos Bartz, caçando pombinha. As pessoas nem conseguiam pronunciar meu nome”, conta.

A solução foi simples. A fila da farmácia era menor, e era um curso que tratava de química e saúde, dois campos que despertavam a atenção do brusquense. Uma infância

repleta de enfermidades graves foi um dos motivos que levaram a este fascínio. “Em Brusque tinha muita malária. Tinha uma época que eu tinha malária toda semana, tremia de frio.”

Diferentemente do curso chamado “científico”, equivalente à escola técnica, o curso normal feito por Heinz Willrich não oferecia aulas de línguas. Então, para entrar na faculdade, ele precisou prestar uma prova, podendo escolher entre inglês e francês. “Em um radinho de cabeceira no quartinho da pensão em que eu morava, eu ligava a Rádio BBC, de Londres todas as noites quando ainda estudava o normal, para me acostumar com o inglês britânico, melhor para eu compreender. Isto me ajudou com a prova de inglês mais tarde.”

Ainda em Florianópolis, Willrich passou em um concurso e passou a trabalhar também fazendo o caixa do Serviço de Assistência da Previdência Social (Saps). Era uma espécie de mercado estatal de alimentos onde eram vendidos produtos para impedir a prática de preços abusivos por parte da iniciativa privada. Também passou pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

“Na época, houve um corte de nomeações no serviço público. Quando fui sair do Saps para ir ao IBGE, o pessoal do Saps me pediu para fazer o serviço de casa, porque não conseguiriam chamar outra pessoa. Aí juntei os trabalhos todos. Houve uma época em que tive quatro empregos. Professor na escola supletiva, empregado do Saps, do IBGE e professor na escola Irineu Bornhausen, no Estreito [bairro da parte continental de Florianópolis]”, comenta.

Retorno a Brusque

O diploma de Heinz Willrich na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Catarina data de 1959. Até 1963, ele ainda fez alguns cursos em São Paulo, e conheceu diversos laboratórios farmacêuticos, inclusive fazendo um estágio em um laboratório de análises clínicas em Florianópolis.

IMAGEM: Foto em preto e branco do diploma de Heins Willrich da Faculdade de Farmácia e Odontologia.

Foi em 1963, no ano em que completou 28 anos, que ele comprou o laboratório de um bioquímico de Florianópolis, que desistiu por causa da concorrência. “Naquela época, os exames eram feitos com sais, com reativos, não havia a tecnologia de hoje. O único aparelho mesmo era um microscópio. Comprei um moderno, em Porto Alegre, ainda em 1963”, relata.

No mesmo ano, ele se muda para Brusque, para morar com os pais. Um prédio na avenida Lauro Müller, no Centro de Brusque, estava sendo construído por Germano Hoffmann, filho dos padrinhos de Willrich. “Pedi para ele fazer uma sala para meu laboratório nos fundos. Ele era médico, e era vantagem ter um laboratório no mesmo local de seu consultório”, lembra o farmacêutico. Estava iniciado o laboratório Heinz Willrich, o primeiro laboratório de análises clínicas de Brusque.

O primeiro exame

No início, Heinz Willrich costumava fazer um exame por dia. Com tempo de sobra e inseguro por estar no início dos trabalhos sem nenhum auxílio de alguém mais experiente, chegava a conferir pelo menos três vezes os resultados.

O primeiro exame feito no laboratório Heinz Willrich foi o de gravidez. Na época, os exames eram feitos com sapos, que precisavam ser capturados pelo próprio pioneiro. Era coletada urina do sapo, que então era verificada em microscópio para detectar a presença de espermatozoides. Se não houvesse espermatozoides, o sapo estaria apto para o teste.

Então, 10 mililitros de urina da paciente eram filtrados e injetados na coxa do sapo, no saco linfático. Se a mulher estivesse grávida, o hormônio coriônico, que regula a gestação, estaria presente na urina e faria o anfíbio macho ejacular. Entre duas e três horas depois da injeção, se houvesse espermatozoides na urina do sapo, a paciente estaria grávida.

Posteriormente, chegaram ao Brasil os primeiros testes artificiais, importados da Holanda. “Quando consegui comprar estes testes, eu, macaco velho, desconfiei. Porque dava negativo no teste, e positivo no sapo. Eu fazia os dois. Isto voltava a acontecer. Peguei o telefone, liguei para a empresa que importava o reativo e falei ‘olha, meu amigo, aqui no teste de vocês não está confirmando. No sapo dá positivo e no teste de vocês dá negativo’”, conta Willrich.

A resposta foi dada imediatamente, da maneira mais sincera possível. A alfândega reteve os testes no navio por alguns meses. O contato com o sol ajudou a estragá-los. “Foram sinceros. Mas imagina quantos no Brasil que não foram entregues nessas condições? Acabei levando mais tempo do que queria até aposentar os sapos.”

Com o tempo, exames de urina, fezes, colesterol e glicose também passaram a ser feitos. Passaram-se alguns anos até que a tecnologia pudesse ser utilizada a favor do laboratório. “Exames de glicose, por exemplo, eram feitos com quase dez padrões e a conclusão era tirada no ‘olhômetro’, mesmo, tudo manual. E resultados errados, como em um exame de glicose para um diabético, podem render processos e indenizações de R\$ 100 mil”, afirma.

Perdas, evolução e outras atividades

Com o passar do tempo, vieram as inovações tecnológicas, e velhas técnicas ficaram apenas no passado. Diversos convênios parceiros foram importantes para que o laboratório se consolidasse, e se tornasse um dos mais renomados e tradicionais de Brusque e região, com unidades no bairro Águas Claras e no Centro de Guabiruba.

A enchente de 1984 destruiu boa parte do laboratório. Willrich conseguiu comprar a parte da frente de um terreno na rua Adriano Schaefer, onde conseguiu construir o laboratório que existe até hoje, e que posteriormente foi expandido.

“Mantenho o laboratório porque a minha vida é aqui. São mais de 50 anos trabalhando aqui, e ficar em casa não dá. Enquanto eu tiver capacidade, estarei aqui.” Apesar de sua vida ser no laboratório, Willrich desenvolve outras atividades, como a pintura e a música. Em 1985, de forma autodidata, aprendeu a tocar teclado, e passou a gravar diversos discos e CDs para que igrejas sem banda utilizem as canções em suas missas e cultos.

A geladeira brasileira nasceu em Brusque

Rudolf Stutzer fabricou o primeiro modelo a gás do país, em sua oficina na rua Tiradentes

Item de primeira necessidade e hoje presente de diferentes formas em todas as casas, a primeira geladeira fabricada no Brasil saiu da oficina de anzóis de Rudolf Stutzer, na rua Tiradentes, em Brusque.

O ano era 1947. Stutzer era um homem muito inteligente e autodidata, que sempre se dedicou em criar coisas novas. Ele não descansou enquanto não decifrou o enigma da geladeira importada, movida a querosene, que conheceu em Porto Alegre, durante uma viagem a trabalho.

“Ele ficou matutando porque embaixo tinha fogo e em cima gelo, pois eram coisas bem contrárias”, lembra Dolores Ingrid Heinzemann, 84 anos, filha de Stutzer.

Ela recorda que era bem menina quando o pai decidiu criar uma geladeira a querosene. “Quando chegou em casa de viagem, ele começou a trabalhar e fez disso um projeto. Depois de muito trabalho, ele conseguiu realizar esse sonho”, diz.

Stutzer trabalhava dia e noite na oficina com o objetivo de fabricar a geladeira. Dolores conta que a primeira levou mais de um mês para ficar pronta. Para conseguir o feito, ele pediu ajuda ao cunhado, Oscar Bachmann, com os cálculos. Já a parte mecânica foi toda desenvolvida por ele, com chapas de metal dobradas manualmente.

Logo a notícia de que uma geladeira a gás havia sido fabricada em Brusque se espalhou, chegando até Joinville. Lá, o empresário Wittich Freitag, das Lojas Freitag, se interessou pelo negócio e decidiu vir a Brusque para ver de perto o feito de Stutzer. “Ele chegou e falou para o meu pai que podiam levar a ideia para Joinville e abrir uma fábrica de geladeiras lá”, conta Dolores.

Imagem: Foto em preto e branco de um homem agachado observando uma fila de geladeiras antigas com as portas abertas em um grande galpão.

Stutzer aceitou e se tornou sócio de Freitag e também do empresário Guilherme Holderegger. No início, Dolores lembra que eram fabricadas duas geladeiras por semana. Em Brusque, seus amigos achavam loucura.

“Quando eles se acertaram na conversa, meu pai foi falar para os amigos em Brusque e eles diziam que era uma ideia louca, pois quem iria comprar todas essas geladeiras. Realmente o negócio tornou-se tão grande que hoje fabricam mais de mil geladeiras por dia”.

Foi assim, então, que surgiu a primeira fábrica de geladeiras do Brasil: a Consul. O nome da indústria foi um pedido do próprio Stutzer, como forma de homenagear seu amigo Carlos Renaux. “Meu pai exigiu que o nome da fábrica continuasse Consul”, afirma.

Stutzer ficou na empresa até o fim dos anos 1950. “Lembro que ele idealizou alguma coisa para a porta da geladeira, não aceitaram e fizeram algo bem diferente. Ele chegou bem abatido em casa, sentiu que não era mais o dono disso”, conta Dolores.

Professor Pardal

A filha recorda que o pai era um homem inquieto e sempre estava à procura de novos projetos. Depois de deixar a Consul, documentou em foto e vídeo a construção de Brasília, rodou o país fazendo excursões com um ônibus e, depois de uma viagem à Alemanha, criou o espetáculo das Águas Dançantes, que fez muito sucesso nos anos 60 e 70.

“Meu pai era um grande curioso, lembro que o chamavam de professor Pardal, pois ele tinha uma grande facilidade de fazer coisas diferentes”.

IMAGEM: Em preto e branco, Rudolf Stutzer posa ao lado de um homem de chapéu em frente a um ônibus.

Dolores fala com orgulho das façanhas do pai e do legado que ele construiu. “Todas essas coisas enchem a gente de orgulho. Era um homem muito alegre, dado, uma grande pessoa”. Rudolf Stutzer morreu em 17 de janeiro de 1984.

“Eu e meus irmãos temos muita saudade dele e conseguimos inculcar nos nossos filhos e netos o orgulho e amor que sentimos por ele”, finaliza Dolores.

O brusquense que criou Sadol e Melagrião

Laboratório de Fernando Boettger foi vendido à empresa de Joinville, com medicamentos famosos até hoje

O brusquense Fernando Boettger teve sua história perdida com o tempo, sem escritos fidedignos como possuem alguns de seus contemporâneos, também integrantes da chamada “alta sociedade” do município.

Pouco se sabe de sua vida ou de sua carreira, e há inclusive uma confusão histórica sobre se o pioneiro se chamava Georg ou Fernando. Na história repassada à sua neta, Mônica Tietzmann, é possível remontar um pouco a trajetória daquele que teve invenções marcantes, como o fortificante Sadol e os medicamentos Melagrião e Bálsamo Branco.

Aos 67 anos, Mônica Tietzmann guarda as memórias que recebeu de sua mãe e, ao contrário do que raras lembranças populares apontam, afirma que foi Fernando Boettger o pioneiro em farmácia de Brusque, não Georg Boettger. Georg foi tio de Mônica, que viveu de 3 de dezembro de 1923 até 13 de outubro de 1954, quando cometeu suicídio, em Joinville. Ele também foi um farmacêutico.

Conforme relata Mônica, seu avô pioneiro, Fernando Boettger, nasceu em Brusque, em 15 de setembro de 1875, quando o município ainda era a Colônia Itajahy, e morreu em 23 de setembro de 1947, também em Brusque. Teve dois filhos: Liedelott e Georg Paulo Boettger. “Meu avô fazia os remédios, tinha seu laboratório em Brusque. Ele vendia os remédios para o Laboratório Catarinense, em Joinville. O negócio foi muito bem.”

IMAGEM: Foto em preto e branco do antigo laboratório de Fernando Boettger com vários frascos de medicamentos espalhados pelas prateleiras.

O site do Laboratório Catarinense, chamado atualmente de Catarinense Pharma, exibe uma linha do tempo sem exatidão, mas cita que por volta de 1945 a empresa adquiriu “renomados laboratórios de Brusque, Itajaí, Blumenau e Joinville.”

“Foi minha vó quem vendeu o laboratório, com meu avô já falecido. Minha avó não sabia o que fazer com a empresa e a vendeu”, explica Mônica, que não acredita que o fato de Georg ter morado em Joinville tivesse algo a ver com a venda do laboratório. “Georg Boettger, sim, chegou a morar um tempo também na Alemanha.”

Em 17 de março de 2003, o Diário Comércio, Indústria e Serviços (DCI) publica matéria explicando:

“Na época, o fundador Alberto Bornschein tinha uma rede de farmácias denominada Drogaria Catarinense, formada hoje por 70 lojas. Diante disso, Bornschein enxergou uma oportunidade de negócios e adquiriram diversas empresas entre eles os laboratórios Fernando Boettger, de Brusque, Santa Catarina, responsável por criar o Agriomel, em 1918, que mais tarde denominou-se Melagrião. O xarope é composto de agrião, guaco,

acônito, bálsamo de tolu, ipecuanha e polígala.” O Sadol, por sua vez, foi criado em 1924 por Fernando Boettger.

O historiador Paulo Kons resgata trecho do livro Recordando o Passado, da professora Dinorah Krieger Gonçalves, sobre a vida de Gertrudes Régis Krieger, nascida em 17 de novembro de 1905 e falecida em 2 de novembro de 2002.

“No laboratório trabalhavam várias moças, com as quais Gertrudes fez amizade. Elas, primeiro, dissolviam a gelatina para a fabricação das cápsulas que serviam de invólucro para os remédios fabricados pelo Laboratório. Colocavam a gelatina já dissolvida em pequenas formas. Depois de fria e seca, despejavam o conteúdo, isto é, o medicamento, preparado pelo farmacêutico. Fechavam as cápsulas, embalavam em vidros e rotulavam os remédios.” O Laboratório também ficava próximo à alfaiataria da família Krieger.

O livro explica que Gertrudes precisou deixar o emprego que tanto amava porque iria se casar, e preparar todo um enxoval feito à mão. “Mais tarde, com o falecimento do farmacêutico Boettger, o laboratório foi vendido e a matriz transferiu-se para Joinville, dando origem ao Laboratório Catarinense [na verdade a empresa joinvilense já existia antes da aquisição].”

Outras fontes relatam que foi Georg Boettger o pioneiro. Ele teria sido o alemão que nasceu no século 19, e atribui-se a ele também pioneirismo na vacinação em Brusque e participação política ativa na cidade.

A caleça de Rodolfo Pruner

Antes das funerárias, cortejo até os cemitérios era feito na imponente carruagem fúnebre

Na década de 1930, Rodolfo Pruner trouxe de Blumenau a famosa e imponente caleça, carruagem fúnebre que transportou durante muitos anos os brusquenses até a última morada.

Até hoje, a carruagem, que está em exposição na Casa de Brusque, povoa o imaginário de muitos brusquenses que acompanharam inúmeros cortejos até os cemitérios da cidade.

Naquela época, o ritual fúnebre era um ato solene e de muito respeito. Quando morria alguém, a primeira pessoa a ser avisada era Rodolfo Pruner, que imediatamente iniciava a preparação da caleça.

“Quando chegavam lá no meu avô dizendo que alguém morreu, ele ia buscar os cavalos no pasto, lustrava, passava escova, passava cera na caleça, era todo um ritual”, conta Silvana Eccel Roza, neta de Pruner.

IMAGEM: Foto em preto e branco da carroça de Rodolfo Pruner enfeitada com coroas de flores durante cortejo fúnebre pelas ruas de Brusque.

No livro *Sentinela do Passado II*, Laércio Knihns relata que o primeiro enterro feito com a caleça de Pruner foi o da vizinha, Agnes Wagner Ulber, em 17 de setembro de 1938.

A partir de então, o serviço prestado por Pruner se tornou indispensável para os moradores da cidade. Antes da existência de funerárias, era ele quem comandava os ritos fúnebres no município. A primeira funerária de Brusque - São José - surgiu apenas em 1945.

Nos primeiros anos, inclusive, não havia caixões prontos. Quando a pessoa morria, os familiares tiravam uma porta de casa, colocavam apoiada em cadeiras e o defunto ficava ali. “O defunto ficava esperando assim até chegar o caixão. A pessoa tirava a medida e só então ia fazer o caixão”, diz Silvana.

A tradição era a caleça puxar o cortejo e todos os participantes, a pé, seguiam até o cemitério. Os carros ficavam em casa.

“Era algo muito respeitado. Quando o cortejo passava, as pessoas fechavam as janelas das casas e as lojas da avenida principal também fechavam as portas”, lembra Silvana.

Ao lado de Pruner, que estava sempre vestido com um impecável terno preto, ia uma criança, que segurava uma cruz durante todo o cortejo. As coroas de flores, feitas em casa, eram penduradas nas laterais da caleça e também na parte de cima da carruagem.

Ricos e pobres

Toda trabalhada e pintada com verniz negro brilhante, a carruagem puxada por dois exuberantes cavalos negros transportou o corpo de pessoas de todas as classes sociais.

Uma das imagens mais famosas da história de Brusque é o cortejo do corpo do cônsul

Carlos Renaux pelo centro da cidade, rumo ao cemitério luterano. Foi a caleça de Pruner quem transportou o cônsul até sua última morada, em janeiro de 1945.

“Na caleça do meu avô foram enterradas desde as pessoas mais importantes de Brusque até as mais simples. Não havia distinção”, conta.

Depois de alguns anos atuando de forma independente, Pruner chegou a prestar serviços com a caleça para a Funerária São José. Com a entrada dos veículos motorizados nas funerárias, aos poucos, os serviços da caleça foram deixados de lado.

A imponente carruagem serviu aos brusquenses por 34 anos. De acordo com o livro Sentinela do Passado II, o último enterro com a caleça foi realizado em 1972, ocasião em que transportou o padre Guilherme Kleine até o cemitério.

Após aposentar a caleça, Rodolfo Pruner decidiu doar a memorável carruagem fúnebre à Casa de Brusque, onde permanece em exibição. Pruner faleceu em 1982, aos 82 anos.

IMAGEM: Foto em preto e branco de moradores da cidade vestindo trajes sociais atrás da caleça enfeitada com flores durante cortejo.

Quando tudo passava pelo rio

Família Knihs deu início à navegação em Brusque com a construção de barcaças e lanchas

Nos primeiros anos de Brusque, a única forma de transporte possível era pelo rio Itajaí-Mirim. Por muitos anos, foi pelas águas que chegavam as principais mercadorias vindas de Itajaí.

O precursor desta forma de transporte na cidade foi o alemão Nicolau Knihs. Ele deixou sua esposa, Anna Maria Schneider Knihs, na Alemanha, e partiu rumo ao Brasil em busca de uma vida melhor.

Inicialmente, se instalou na colônia de São Pedro de Alcântara. Tempos depois, em torno de 1865, mandou buscar a esposa e, juntos, vieram morar em Brusque. Fixaram residência no início da atual rua Hercílio Luz, onde hoje está o prédio da Lúcia Biquínis.

Nicolau era agricultor, mas ao chegar em Brusque iniciou outra profissão. Ele construiu uma barcaça que por muito tempo serviu para atravessar os colonos de um lado a outro do rio Itajaí-Mirim. A barcaça ficava onde hoje está a ponte estaiada Irineu Bornhausen.

IMAGEM: Foto em preto e branco de um homem de chapéu finalizando a travessia do rio Itajaí-Mirim a cavalo. Ao fundo, pessoas em cima de uma barcaça.

Ganha-pão

Além deste trabalho, que se transformou no ganha-pão da família, Nicolau também alugava grandes canoas para levar e trazer mercadorias de Itajaí.

Familiares de Nicolau relatam que o homem foi em uma dessas canoas ensinar os moradores de Itajaí a fazer linguça. Porém, como não falava português, teve dificuldades em transmitir os ensinamentos. Ele então colocou os porcos na canoa, trouxe a Brusque, fez as linguças, e mandou de volta para Itajaí. A partir de então, virou costume.

A esposa de Nicolau, Anna Maria, ajudava no orçamento familiar fazendo comida para os balseiros, que transportavam madeira pelo rio, algo bastante comum já que na época era o único meio de transporte.

O casal teve oito filhos: Nicolau Filho (nascido na Alemanha), Jacó, José, João, Maria Catarina, Anna e Guilherme, nascidos no Brasil.

José seguiu os passos do pai e fez no rio também a sua profissão. Com a necessidade cada vez maior de levar e trazer mercadorias de Itajaí, que entravam e saíam pelo porto, ele teve a ideia de construir grandes lanchas de madeira que facilitavam o transporte dos produtos agrícolas para o município vizinho, inclusive, os produtos têxteis fabricados, principalmente, pela Fábrica de Tecidos Carlos Renaux.

Pelas lanchas de madeira de José Knihs, vários produtos eram transportados como algodão para as fábricas, óleo, carne seca, trigo, utensílios, entre outras coisas. Foi ele

quem trouxe para a cidade o primeiro saco de açúcar branco, fato que causou um grande alvoroço, já que todo mundo queria experimentar a iguaria.

Além do transporte fluvial, José mantinha uma casa de comércio, onde vendia as mercadorias que trazia de Itajaí. A venda ficava na esquina da rua Lauro Müller com a Pedro Werner.

A viagem de lancha ida e volta até Itajaí durava uma semana. Nas enchentes, a viagem chegava a durar duas ou mais.

Quando o governo do estado abriu a estrada entre Brusque e Itajaí, o transporte pelo rio foi deixado de lado, já que, mesmo precária, a estrada diminuía muito o tempo de viagem até a cidade vizinha. Por terra, agora o trajeto durava dois dias, ida e volta.

José logo visualizou uma oportunidade com a estrada e foi dele o primeiro caminhão a fazer transporte entre a colônia e Itajaí, entre os anos 1925 e 1927, marcando definitivamente o nome da família Knihns na história de Brusque.

O primeiro circular de Brusque

Empresa de Ewaldo Bohn surgiu em 1938 e transportou brusquenses por todos os cantos da cidade

Ewaldo Bohn sempre sonhou em ser dono de seu próprio negócio. Nascido em Buenos Aires, na Argentina, ele começou ajudando o tio, Leão Belli, em sua oficina mecânica. Depois alugou um galpão e abriu sua própria oficina. Mais tarde, deu um passo maior: comprou um ônibus que se transformou no primeiro transporte coletivo de Brusque.

O ano era 1938 quando Ewaldo começou a fazer a linha circular do município. No começo, devido, principalmente, às dificuldades de infraestrutura, eram feitos apenas poucos horários.

“Ele fazia horários durante a semana, mas eram poucas viagens, para o Primeiro de Maio, Azambuja, Guabiruba, não tinha nada de asfalto”, conta Maria Nilda Schwarz, uma das filhas de Ewaldo.

Com o tempo, entretanto, o negócio começou a engrenar. Ewaldo era muito amigo do cônsul Carlos Renaux, que sugeriu que ele transportasse os operários da fábrica. E assim foi feito. Diariamente, Ewaldo transportava, principalmente, os operários que moravam em Guabiruba, que na época era um bairro de Brusque.

IMAGEM: Foto em preto e branco de um dos ônibus da Empresa Circular Ewaldo Bohn parado em frente a casas antigas.

Ao longo dos anos, o trabalho com o transporte de passageiros foi crescendo. Assim, o empresário pioneiro foi comprando mais veículos. Chegou ao total de nove ônibus.

Nilda lembra que toda a família ajudava no negócio. Desde cedo, ela e os irmãos: Mario Francisco, Augusto Francisco e Maria Odete trabalhavam para o pai.

“Eu com 11, 12 anos já ajudava ele. Meu pai tinha uma fama de homem bravo, era muito rígido. Chegava o domingo e tínhamos que varrer todos os ônibus, tirar pó dos assentos. Ele dizia: ‘limpa bem porque eles pagam para andar de ônibus e no domingo colocam a melhor roupa’”.

Com o negócio indo muito bem, Ewaldo comprou um terreno no início da avenida Primeiro de Maio. Lá, construiu a casa da família e, ao lado, um grande galpão onde guardava os ônibus e também mantinha sua oficina. Mais tarde, ele também abriu um posto de gasolina da bandeira Texaco no local.

Nilda recorda que seu tio Balthazar, irmão de Ewaldo, também comprou um ônibus e começou a fazer a linha de Santa Terezinha. Seu pai ficou com Azambuja, Primeiro de Maio e Guabiruba. “Meu tio sempre ajudava o pai quando apertava”, diz.

Entre as principais lembranças de Nilda está a época de festas no Santuário de Azambuja. Era Ewaldo que, com seus ônibus, transportava os centenas de visitantes para as festas

de maio e agosto.

“Em festa de Azambuja ele trabalhava com mais ônibus porque pra ir pra Azambuja a estrada era muito estreita, não tinha passagem para dois ônibus, então os ônibus de fora vinham até o centro e, dali, o pai que levava até a festa”.

IMAGEM: Foto em preto e branco de parte de um ônibus da empresa, com uma crianças na janela e um casal em pé na porta

O grande incêndio

Em 1954 um grande incêndio destruiu o galpão onde Ewaldo guardava os ônibus e mantinha a oficina. “Na época foi até falado que foi um incêndio criminoso porque começou nos fundos do galpão. O assento de um dos ônibus estava rasgado e colocaram um cigarro lá”, lembra Nilda.

O fogo destruiu praticamente tudo. Poucos ônibus conseguiram ser salvos. Vários carros que estavam para serem consertados na oficina também foram perdidos. “Ele tinha muitos clientes, de carros particulares, e queimou tudo”.

Como Brusque ainda não tinha Corpo de Bombeiros, foram os brigadistas da fábrica Renaux e também da Schlösser que ajudaram a controlar o incêndio.

Ewaldo Bohn precisou reconstruir suas empresas praticamente do zero. Alguns dos ônibus que escaparam do fogo continuaram circulando por mais algum tempo, até que o pioneiro decidiu vendê-los e ficar apenas com a oficina. O empresário faleceu em 1984, por problemas de saúde.

“Temos muito orgulho do meu pai. Ele trabalhou, lutou muito para conquistar tudo que conquistou”, diz.

Revolução no comércio de Brusque

Em 1971, cidade ganhou seu primeiro supermercado, inclusive, com atendimento aos sábados e domingos

Em agosto de 1971 Brusque ganhou seu primeiro supermercado. No prédio de três pavimentos, onde hoje está o Spazio Sassi, na avenida Beira Rio, foi inaugurado o Supermercado Ristow.

A família já administrava a tradicional panificadora Ristow e também era a responsável pela distribuição da cerveja Antártica no município.

Na época, o empresário Ewaldo Ristow resolveu aproveitar o espaço que existia na distribuidora e transformá-lo também em varejo.

“Ele foi em outras cidades onde já existia supermercado para verificar como eram as instalações e pegou de modelo”, conta Ewaldo Ristow Filho.

Ele lembra que, na época, a inauguração do mercado causou uma espécie de revolução em Brusque, já que, até aquele momento, a cidade só contava com os varejos tradicionais de balcão. “Foi muito surpreendente porque a realidade era outra”.

Ristow Filho lembra que o supermercado foi instalado em um espaço bastante grande e que era bem suprido com as grandes marcas da época. “Foi um momento muito marcante dentro do comércio de Brusque”.

IMAGEM: Foto em preto e branco do prédio onde ficava o mercado Ristow, onde hoje está o Spazio Sassi.

O empresário recorda ainda que a receptividade dos brusquenses foi muito boa e que, por ser a pioneira, a loja foi se moldando às necessidades da população e do próprio mercado.

“A gente nem esperava que tivesse o movimento que veio acontecer, foi uma experiência grande porque aprendeu-se muito por ser o pioneiro, na forma de agir, o que o público esperava. Tivemos resultado expressivo para a época em termos de vendas”.

Na época, o mercado também inovou e começou a atender aos sábados e domingos, algo que os brusquenses ainda não estavam adaptados. Desde a inauguração, o Supermercado Ristow abria aos sábados, até as 21h, e aos domingos. “Não tinha essa tradição do comércio abrir fim de semana”.

Ewaldo Ristow Filho fazia parte da administração do supermercado. A empresa contava com cerca de 40 funcionários. Toda semana, o caminhão ia para Curitiba para trazer frutas e verduras para abastecer o mercado.

“Tinha de tudo, mas o mix era bem menor do que hoje. Cerveja, refrigerante, água, era tudo de garrafa. O leite era no saquinho plástico, o hábito de consumo da população era diferente”.

O Supermercado Ristow atendeu os brusquenses até 1975. Naquele ano, Ewaldo Ristow decidiu fechar as portas e continuar somente com a distribuidora. O ponto então foi vendido para o Supermercado Archer.

“Aprendeu-se muito sobre essa atividade comercial. Era uma empresa familiar, pessoas todas conhecidas trabalhavam ali, a cidade era pequena. Foi uma época muito boa. Temos orgulho de ter contribuído para o desenvolvimento de Brusque”.

José Belli: exímio marceneiro e carpinteiro

Ele ainda é lembrado pela dedicação e qualidade do trabalho, que tornavam cada móvel único e especial

Os belos móveis de madeira fabricados por José Belli ainda fazem parte da mobília de muitos brusquenses. Ele foi o proprietário da fábrica de móveis e construção de casas que levava o seu nome e até hoje é lembrado pela dedicação e qualidade de seu trabalho, que tornavam cada móvel único e especial.

José nasceu em Brusque, em 25 de novembro de 1888. Filho de Sebastião Belli e Maria Gertrudes Steiner, frequentou as escolas alemãs da época e depois foi para Blumenau, onde permaneceu três anos no colégio dos padres. Lá, aprendeu o ofício de marceneiro.

Depois, voltou para Brusque e trabalhou dois anos na marcenaria de Paulo Moritz. Em 1909 foi para Florianópolis para trabalhar na fábrica de móveis de Carlos Reinich. Um ano depois, foi convidado para ocupar o cargo de contra-mestre da fábrica e estudou como envergar madeiras para realizar o sonho de Carlos Reinich: fazer as mesmas cadeiras que importava da Europa.

“Era uma fábrica muito grande, e meu avô contava que estudava muito para fazer envergar os braços da poltrona, com o uso daquilo que eles chamavam de sargento, ele ia cortando a prensa até conseguir desenvolver. Ele ficou muito realizado por esse feito”, conta Márcio Belli, um dos netos de José.

O feito do brusquense, inclusive, tornou a fábrica de Reinich a primeira da América do Sul a fabricar cadeiras envergadas e empalhadas.

Depois de um tempo em Florianópolis, Reinich abriu uma fábrica em Porto Belo e José Belli foi designado como gerente da empresa, cargo que ocupou até 1920, quando retornou para Brusque. Primeiro, instalou-se em Águas Claras, depois veio para o Centro da cidade com sua fábrica de móveis e construções de casas.

Márcio conta que até hoje tem em seu sítio uma mesa elástica fabricada pelo avô. O neto lembra que, naquela época, todos os móveis precisavam sair com selos, que eram uma espécie de controle sobre os impostos. “Lembro que ele mandava a gente colar os selos nos móveis, atrás dos guarda-roupas. Se tinha que pagar 150 de imposto, colocava uma fileira de 10, outra de cinco e o imposto estava recolhido”.

IMAGEM: Foto colorida de um selo colado em um móvel da fábrica de móveis e construção de casas de José Belli.

Depois de pronto e dos selos colados, José e os netos levavam o móvel de carroça até o cliente. “A gente fazia a entrega em casa. Se o fiscal parasse, ia conferir se os selos estavam colados”.

A marcenaria de José Belli ficava na rua Almirante Barroso, hoje Marcos Malossi, no

Centro, nos fundos de sua residência. Márcio recorda que na casa do avô tinha uma sala que ficava sempre fechada e só era aberta em ocasiões muito especiais. A sala era toda mobiliada com móveis feitos por ele.

No museu Dom Joaquim, no bairro Azambuja, um altar todo em madeira feito por José Belli está em exposição, demonstrando que ele tinha muito talento e era um verdadeiro artista. “Para nós é uma alegria. Meu avô sempre teve muito orgulho do seu ofício, viveu para aquilo, e saber que ainda hoje ele é lembrado nos deixa muito felizes”, destaca.

José Belli trabalhou fabricando móveis e utensílios em madeira até os 85 anos. Quando parou, ainda por várias vezes era solicitado para dar soluções a problemas de construções, especialmente em questões de escadas, por ser um verdadeiro especialista. Ele faleceu em 1984, aos 95 anos.

Banco catarinense, mão brusquense

Primeira agência bancária do município surge com o Inco, fundado em iniciativa que incluiu Otto Renaux

Otto Renaux foi um dos personagens históricos mais atuantes em Brusque na primeira metade do Século 20. Filho de Carlos Renaux e Selma Wagner, nasceu em 1887 e aos 15 anos começa a trabalhar na fábrica do próprio pai, iniciando um aprendizado na tecelagem. Teve o privilégio de estudar sobre indústria têxtil na Alemanha e em 1918 assumiu a presidência da Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S/A, sendo um dos responsáveis por fazer da empresa uma gigante em Santa Catarina.

Praticante de tiro, era um incentivador do esporte em geral e de entidades sociais e educativas. Foi um dos fundadores do Ginásio Cônsul Carlos Renaux e do Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem, e teve participação política relevante em Brusque.

Mas foi em 1935 que o filho do cônsul foi um dos responsáveis pela criação de uma iniciativa inédita no estado. Renaux e Irineu Bornhausen, de Itajaí, tiveram dificuldades para descontar um cheque em Rio do Sul (à época com o nome Bella Aliança) e tiveram a ideia de fundar um banco voltado à indústria e ao comércio. Genésio Miranda Lins, Bonifácio Schimitt, Antonio Ramos, Francisco Almeida e Augusto Voigt também integraram a iniciativa.

No livro Itajaí - Imagens e Memória, consta que em 23 de fevereiro de 1935 foi fundado o Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina, o Banco Inco, com sede em Itajaí. De acordo com Vanessa Follmann Jurgenfeld e Ana Lucia Gonçalves da Silva em trabalho apresentado na 12ª Conferência Internacional de História de Empresas na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) em 2015, muitos que atuavam na área de comércio e transporte no Vale do Itajaí entraram no negócio.

IMAGEM: Foto em preto e branco do evento de inauguração da ponte Irineu Bornhausen, em 1953, e ao fundo o prédio do Banco Catarinense.

“O Banco Inco também representou a entrada do setor têxtil no ramo financeiro de maneira explícita, e foi uma tentativa de preencher um vazio financeiro bancário”, explicam. Em Brusque, a agência, que foi a primeira do município, ficava na rua Conselheiro Rui Barbosa, próxima à ponte Irineu Bornhausen.

Conforme um dos artigos do professor Evaldo Pauli, havia até então apenas nove agências bancárias em Santa Catarina, pertencentes ao Banco Nacional do Comércio, ao Banco do Brasil e ao Banco Sul do Brasil, de Blumenau.

Crescimento e queda

A expansão do banco foi feroz, adquirindo também outras instituições financeiras. Nos

anos 40, foram inauguradas as de Curitiba e do Rio de Janeiro, então capital federal. Durante a década de 50, o Inco já acumulava mais de 100 agências.

Em 1942, o Inco incorporou a Caixa/Banco Agrícola de Blumenau, que em parte pertencia à empresa Hering. Este banco já havia absorvido a Caixa Agrícola, fundada em 1907. A união de capital da Hering e da Renaux tornou possível comprar parte das ações do Banco de Crédito Agrícola de Bella Aliança, em Rio do Sul, que também foi incorporado pelo Inco.

Porém, após o rápido crescimento, o banco foi perdendo força e seus gestores perdiam interesse em levar a iniciativa adiante. Após ter adquirido algumas instituições financeiras, foi o Inco que foi cedido.

Em 1968, o Banco Brasileiro de Descontos, o Bradesco, adquiriu o único banco particular catarinense. “No clima que pôs fim ao Banco Inco operavam também circunstâncias como a de haver passado o tempo de vida dos fundadores e ainda a tendência para a concentração dos bancos em conglomerados maiores”, explica o professor Evaldo Pauli em artigo publicado online em 2012, dois anos antes de sua morte.

A partir de então, o Bradesco assume as operações do Inco e segue sua administração a partir da sede em São Paulo. A sede em Santa Catarina foi transferida de Itajaí para a capital, Florianópolis, na praça XV de Novembro.

“Os 33 anos de Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina foram de notória significação para a economia do Estado”, encerra Pauli.

A alfaiataria de Gustavo Krieger

Brusquense aprendeu ofício em Florianópolis, teve encontro com imperador e confeccionava ternos para Carlos Renaux

A curta rua perpendicular entre a Felipe Schmidt e a Guilherme Niebuhr, no Centro de Brusque, onde está localizada uma das raras alfaiatarias do município, tem nome de alfaiate: Gustavo Krieger foi o primeiro da cidade. Nascido em uma das famílias mais influentes, Krieger deixou como descendentes importantes nomes da história do município e da música nacional, como o filho Aldo e o neto Edino Krieger.

Em 26 de janeiro de 1878, quando Brusque ainda era a Colônia Itajahy e o Brasil ainda era um império, nasceu Gustavo Krieger, ou, em seu nome original alemão, Phillip Gustav, filho dos alemães Jacob Krieger e Auguste Fridericka Luise Kuchenbaecker.

Encontro imperial no Rio de Janeiro

Jacob Krieger era um empresário que possuía uma fábrica de charutos, inclusive com filial no Rio de Janeiro, então capital do Império do Brasil. Lá, seus produtos eram vendidos na rua do Ouvidor, no Centro. No mesmo local, costumava passear o imperador Dom Pedro II.

Jacob e seu filho viajam à capital do Brasil em 1880. Enquanto o pequeno Gustavo brinca com outras crianças, Jacob vê, de sua loja de charutos, o imperador passar, cumprimentando os súditos, até parar no grupo de crianças onde seu filho estava, as cumprimenta também e passa a mão sobre a cabeça de Gustavo. O pai, à distância, se sente lisonjeado e se emociona.

Mais tarde, conversando em um bar, Jacob e alguns de seus amigos encontram uma nota de 5 mil réis. Sem encontrarem o dono, jogam na loteria, ganham muito dinheiro e dividem entre si. Jacob afirma que o motivo foi a sorte trazida pelo imperador no encontro com Gustavo.

Alfaiataria Elegante

Gustavo Krieger perde os pais ainda muito jovem. A mãe, quando tinha quatro anos: Auguste morre num parto mal sucedido. Aos 14 anos, quem morre é o pai, Jacob. Criado por sua tia e madrasta Henriette Ernestine Kuchenbaecker, Gustavo é levado a Desterro, atual Florianópolis, para estudar e aprender alguma profissão.

De acordo com sua biografia publicada em 1978, Gustavo aprende de um imigrante, de nome Monegália, o ofício de alfaiate. Após alguns anos, ele retorna a Brusque para abrir sua própria alfaiataria, a primeira do município, localizada em uma das salas de um dos prédios da Renaux, localizada na atual praça Barão de Schneeberg, onde ficou até o final dos anos 40.

Aos 24 anos, em 19 de novembro de 1902, Gustavo Krieger se casa com a italiana

Adelaide Diegoli, nascida em Bolonha. O casal tem nada menos que 17 filhos, sendo que quatro falecem ainda na infância. Vários dos filhos acabam aprendendo a serem alfaiates.

A Alfaiataria Elegante produzia roupas sociais baseadas nas tendências europeias, de acordo com os contatos que Gustavo Krieger conseguia ter com a moda do Velho Continente. Uma das características era o bom papo do alfaiate com seus clientes. Diversos aprendizes também passaram pela Elegante e depois abriram seus próprios negócios.

O próprio cônsul Carlos Renaux encomendava seus ternos com Gustavo Krieger, quando era possível fazer os modelos europeus. Frequentemente, os trabalhos do alfaiate cruzavam o Atlântico, nas viagens de Renaux.

Gustavo Krieger viveu tranquilamente até 22 de novembro de 1949, quando faleceu com 71 anos. Ele já era viúvo desde 1945. De acordo com um de seus netos, Nilo Sérgio Krieger, foi uma morte tranquila.

“Infelizmente não cheguei a conhecer meu avô, que, segundo a história, foi um homem digno, honrado e muito bem quisto na sociedade brusquense. Foi um bom pai de família e ancestral de inúmeras personagens ilustres da sociedade local e do Brasil, que herdaram seu caráter e honradez”, comenta.

IMAGEM: Foto em preto e branco da família de Gustavo Krieger reunida na alfaiataria sentados próximos às máquinas de costura.

Aalfaiataria pós-Gustavo

A Alfaiataria Elegante teve este nome até 1949. De todos os filhos de Gustavo, apenas Axel e Nilo (pai de Nilo Sérgio Krieger) se interessaram em continuar o negócio. O nome mudou para Alfaiataria Krieger, e a localização passou a ser em um prédio em frente à praça, demolido no início de 2003. Atualmente, é onde fica a Drogaria Raia.

Quem trabalhava no local eram os dois irmãos e, depois de um certo período, o cunhado Davino Ferreira de Melo. O negócio passou a crescer até que a alfaiataria se tornasse uma franquia da Confecção Renner, de Porto Alegre, durante os anos 50.

O progresso chegou ao negócio até o ponto em que o trabalho artesanal e charmoso do alfaiate se transformasse em indústria. Foi nos anos 60 que a alfaiataria passou a ser Confecções Krieger e Loja Krieger. Enquanto confecção, o negócio durou mais algumas décadas até a queda que culminou com a decretação de falência, em 1995.

Música e política

Um dos principais hobbies de Gustavo Krieger era a música. O alfaiate tocava flauta, viola de concerto, clarineta e concertina. Esta paixão foi passada aos filhos, em especial a Aldo. Em 1929, cinco filhos alfaiates (Aldo, Érico, Oscar, Axel e Nilo) se juntaram a cinco marceneiros da família Diegoli, da esposa (Primo, Augusto, Aníbal, Rudi e Ivo), criando a Jazzband América, “o mais célebre conjunto de danças que Brusque já possuiu”.

Gustavo Krieger ainda participou, de certa forma, da política. Esteve envolvido na guerra civil da Revolução Federalista, com os Pica-Paus, ao lado do governo brasileiro. O confronto foi contra os Maragatos, gaúchos que buscavam, além da descentralização do poder da República recém-proclamada, a deposição do governador Júlio de Castilhos. A luta armada se deu entre 1893 e 1895 e foi vencida pelos Pica-Paus.

De tudo um pouco na Casa Avenida

Em pouco mais de 50 anos de existência, loja marcou época em Brusque

A Casa Avenida fez parte da vida de muitos brusquenses que, até hoje, guardam lembranças daquela que pode ser considerada a primeira loja de departamentos do município.

Fundada em 1945 por Frederico Heil, a Casa Avenida começou vendendo, sobretudo, artigos para presentes e máquinas de costura. Com o tempo, entretanto, ampliou para o comércio de tecidos, confecções, eletrodomésticos, lambretas e motos.

Quem administrava a loja eram os irmãos Francisco e Antônio (Neco) Heil que, com o passar dos anos, transformaram a Casa Avenida em uma das potências de Brusque. A loja estava localizada no Centro da cidade, na avenida Cônsul Carlos Renaux, onde atualmente estão as lojas Americanas e Koerich.

“Os dois é que realmente tocaram e formaram o império da Casa Avenida. Na época, era como se fosse a Havan, a diferença é que não havia todo esse número de lojas, mas vendia de tudo”, diz Ademir Pereira, que trabalhou durante 35 anos na empresa.

Pereira começou na loja em 1962 como office boy, fazendo o arquivamento de papéis. Em 1969, se formou em contabilidade e assumiu o setor da empresa. Nos anos 1990, assumiu a assessoria da diretoria da loja e lá ficou até o fim das atividades.

IMAGEM: Foto em preto e branco mostra algumas pessoas abrigadas no prédio da Casa Avenida, com parte da rua alagada na enchente de 1954

O ex-funcionário tem muitas lembranças da loja que marcou época em Brusque. Entre uma das suas principais recordações está o período de Natal, em que o local ficava muito movimentado. Todos queriam garantir os presentes na Casa Avenida.

“O fim do ano era uma festa porque a loja tinha os melhores brinquedos. Tinha também uma variedade de produtos, tecidos, confecção, eletrodomésticos, móveis, utensílios, tapetes, cortinas e o canto jovem com as marcas mais famosas do Brasil”.

Na semana de pagamento, a loja também ficava muito movimentada. Eram filas e mais filas de clientes pagando os carnês da Casa Avenida e, claro, já aproveitando para comprar novos produtos também.

“Chegava o começo do mês que saía o pagamento, a loja ficava cheia. Não tínhamos convênio com bancos, então recebíamos o crediário e o pessoal ia pagar na loja, eram filas e filas de pagamento”.

O ex-funcionário afirma que o auge da Casa Avenida foi nos anos 1970 e 1980. A loja, inclusive, recebeu várias premiações por bater metas de vendas. “Quando chegou a TV colorida em Brusque, teve um mês que vendemos 550 televisores. Era muita coisa”.

Para Pereira, a fidelidade do brusquense à Casa Avenida também foi uma das marcas

daquela época. “Todo sábado via pessoas conhecidas que iam lá comprar. Lembro que uma vez o pai levou o filho para abrir conta lá e, anos depois, eu vi esse filho pedir para abrir o crediário para o neto. Passou de geração a geração. O brusquense era muito fiel nas compras”.

Apesar da fidelidade do brusquense, os anos de glória da Casa Avenida sucumbiram aos anos 1990. O ex-funcionário conta que a loja teve uma série de problemas desencadeados pelos planos econômicos dos governos Sarney e Collor e, pouco depois de completar 50 anos em Brusque, fechou as portas, colocando um ponto final em uma história de sucesso.

Anos de glória e queda da Casa do Rádio

Incêndio em 1958 comprometeu longevidade da empresa, que teve filiais espalhadas por diversas cidades

Em 5 de março de 1958, um incêndio de proporções gigantescas destruiu a Casa do Rádio, a loja especializada em eletrodomésticos e eletrônicos de Brusque, considerada como uma das primeiras do ramo no município.

Numa das tragédias mais chocantes na história de Brusque além das enchentes, seus proprietários conseguiram fazer a loja se reerguer e permanecer na ativa até os anos 70. “À vista ou a prazo, resolvemos seu caso”, era o slogan. Até para retomar os negócios após a catástrofe houve solução.

Anselmo Mayer e a negociação familiar

A Casa do Rádio foi aberta no início da década de 50 por Anselmo Mayer, um empresário apaixonado por negociar. “Ele não era muito apegado às suas empresas, vivia sempre negociando. Sua esposa, Evelina, participava bastante das atividades, era mais ativa”, explica o sobrinho Valério Schlindwein.

O forte do estabelecimento, na administração de Anselmo e Evelina, estava nas bicicletas, nas geladeiras e, claro, nos rádios. Mas pouco resta na memória da família sobre o desenvolvimento e a breve história da empresa nas mãos de seu fundador. Mayer era brusquense e viveu no Centro, morando em casa no final da rua Paes Leme.

Um dos sobrinhos de Mayer, Norberto Schlindwein, tinha um posto de combustíveis e decidiu vendê-lo para comprar a Casa do Rádio, que estava prestes a fechar. Tornou-se sócio majoritário, com 80% das ações. Quem completava a sociedade eram os irmãos Valério, Nievert e Ademar, além do primo Nelson Gevaerd. O ano era 1957.

Fogo

No ano seguinte à compra da loja, houve o incêndio. Valério e seu irmão Nievert moravam no andar de cima da Casa do Rádio. “Me sobram uma calça, uma sandália e uma camisa. Mais nada. Queimou tudo”, lembra Valério, hoje aos 80 anos.

A decisão de retomar os negócios foi praticamente imediata, e foi tomada por Norberto. “Começar um negócio sem dinheiro já é difícil. Começar um negócio sem dinheiro e já devendo uma porção é muito mais difícil”, comenta Valério. O prejuízo foi pago em 24 meses.

IMAGEM: Foto em preto e branco de uma multidão acompanhando um bombeiro no alto de uma escada apagando o fogo no prédio da Casa do Rádio.

“Eu vi o fogo ainda quando era pouco. As baterias de rádio, que eram baterias de carro

na época, estavam carregando em série em uma parede. Quando saí para ir ao colégio, vi o fogo. Não havia extintores ou mangueiras. Quando cheguei com um balde de água... Já nem adiantava mais. Queimou tudo. Foi triste. Só sobrou uma cozinha, que era de onde meu irmão morava”.

Recuperação

Vários fornecedores, como Semp, Campos Salles e Monarca, venderam novos produtos à Casa do Rádio e fecharam acordos para pagamento após o incêndio, que se tornaria peça-chave na falência. Outros acordos e financiamentos foram importantes para manter a empresa ativa.

De acordo com Valério Schlindwein, o negócio faliu em 1974. Ele também comenta sobre a falta de rigidez e controle nas finanças, especialmente referentes às filiais espalhadas por outras cidades catarinenses.

“Nunca foi fácil administrar, sempre foi um pouco com as contas apertadas. Claro que é difícil afirmar, mas é possível que tenha havido alguns desvios nas filiais em cidades mais distantes”, reflete.

Os clientes poderiam também levar os produtos para casa por período pré-determinado. Estas chamadas demonstrações serviam como verdadeiros testes. Depois, ou o produto era devolvido ou comprado. “Algumas vezes o pessoal levava, ficava, não pagava. Faziam demonstração até de fogão, geladeira...”

Matriz, filiais, especialidades e estrutura

A Casa do Rádio tinha três lojas no Centro de Brusque. A matriz, onde hoje está a agência do banco Bradesco, uma na esquina da agência lotérica, e outra onde estão algumas lojas de departamento atualmente. Na gestão dos Schlindwein, haviam sido abertas lojas em Nova Trento, São João Batista (gerenciada por Evaldo, primo dos irmãos Schlindwein), Tijucas, Canelinha, Camboriú e Itajaí.

A empresa tinha dois caminhões Mercedes Benz à disposição, utilizados para serviços de venda, cobrança e entrega. “Iam por Bom Retiro, Leoberto Leal, até Lages. Um caminhão era o único entregador da Liquigás de Brusque com um veículo específico para o serviço”, comenta Valério. Em ocasiões especiais, músicos participavam de eventos promocionais em frente às lojas, e decorações especiais eram instaladas em época de Natal.

As grandes forças da Casa do Rádio estavam nas geladeiras, bicicletas, e claro, nos rádios. Em Brusque, a empresa possuía oficinas para estes itens, oferecendo assistência técnica e serviços de garantia. Peças para reposição e consertos ficavam em estoque. “Vendíamos e dávamos assistência grátis dentro da garantia, cobrávamos quando a garantia expirava. Vendíamos a prazo e sem entrada em 36 vezes.”

“A Casa do Rádio foi uma escola para mim, com muitas experiências. Não tive a oportunidade exatamente de estudar, estudei até o terceiro ano do Ginásio [atual 8º ano do Ensino Fundamental]. Foi muito importante. Todos os mais antigos conhecem a Casa do Rádio”, completa Valério Schlindwein.

Brusque eternizada

Theobaldo e Waldemar Scharf foram os responsáveis pelos registros fotográficos da cidade a partir dos anos 30

Grande parte das fotos que eternizaram a Brusque antiga e que hoje são bastante conhecidas pela população, foram tiradas a partir do olhar dos fotógrafos Theobaldo e Waldemar Scharf.

Os irmãos eram os proprietários do estúdio Foto Brasil, o primeiro de Brusque, e por muitos anos, foram os responsáveis por retratar as famílias, os principais acontecimentos e o cotidiano da cidade.

IMAGEM: Foto em preto e branco mostra os irmãos Theobaldo, Hilário e Waldemar Scharf vestidos com calça social e paletó.

Não se sabe a data exata em que os irmãos começaram no mundo da fotografia e nem quando o estúdio abriu as portas em Brusque. O fato é que existem registros de fotos feitas por eles já no fim dos anos 30.

Dono de um acervo gigante de fotos de Brusque, o fotógrafo Erico Zendron, 91 anos, conta que aprendeu a fotografar com Waldemar. “Comecei a fotografar com eles em 1945. Se tinha outro fotógrafo, não me lembro. Eu não tinha máquina, não tinha nada, mas como me dava bem com Waldemar, nós saíamos juntos e eu comecei a pedir a máquina para bater fotos e ele emprestava”.

A partir de então, Erico começou a passar muito tempo na companhia dos dois fotógrafos da cidade. O Foto Brasil ficava no primeiro andar de um prédio, localizado onde hoje é a rua Rui Barbosa, no Centro, nas proximidades da Cacau Show.

Fotos da sacada

Lá, além de fazerem fotos das famílias, também trabalhavam na revelação das imagens, inclusive, fazendo alguns retoques.

“Eles batiam fotos com aquele aparelho grande, que precisava ficar com a cabeça dentro daquele pano. O que não ficava muito bem eles retocavam na própria chapa. Lembro que o Theobaldo ficava no estúdio na parte da frente e eu via ele retocando com lápis, às vezes a foto tinha um branco ou alguma coisa e eles retocavam”.

Zendron lembra que naquela época, quem queria tirar foto precisava ir até o estúdio dos irmãos. Isso acontecia até com o time de futebol.

Várias das imagens que hoje existem da rua Rui Barbosa em direção à avenida Cônsul Carlos Renaux foram tiradas por Theobaldo e Waldemar da sacada do Foto Brasil.

“Quando o Brasil estava na guerra, toda vitória que tínhamos na Itália se fazia festa aqui em Brusque, na praça do Centro, e as fotos da festa eles faziam da sacada”, recorda.

O Foto Brasil existiu até mais ou menos a década de 1960, quando Waldemar se mudou para Florianópolis. Theobaldo já havia deixado Brusque algum tempo antes.

IMAGEM: Foto em preto e branco de um anúncio do Foto Brasil no jornal.

Quando estava fazendo sua mudança, Waldemar jogou várias chapas, fotos já reveladas e os negativos na lixeira em frente ao estúdio.

Erico, que naquela época trabalhava na Zendron Esporte, viu quando todo aquele material foi descartado. Ele conta que não pensou duas vezes e resgatou boa parte das fotos e dos negativos do lixo. O material permanece com o fotógrafo até hoje e, graças a ele, vários registros históricos e raros de Brusque continuam intactos.

“Eu fui catando o que me interessava. Ele jogou no lixo mesmo. Eu sempre digo que deveria ter pegado o lixo todo”, afirma.

Erico lembra com carinho dos amigos que possibilitaram a ele o contato com o mundo da fotografia. Para ele, Brusque deve muito aos irmãos Theobaldo e Waldemar Scharf.

“Todas as fotos velhas de Brusque que tem por aí devem ser tudo deles. São verdadeiras relíquias. Eu também devo muito a eles”.

A grande tela: cinema brusquense

História da sétima arte em Brusque começou em 1915, com Carlos Gracher

Era 1915 quando o pioneiro Carlos Gracher, aos 37 anos, instalou, anexo ao Hotel Schaefer, o Cine Esperança. Natural de Tubarão, ele se mudou para Brusque em 1893, aos 15 anos, trabalhou nos Correios e teve uma casa de comércio.

O Cine Esperança exibia filmes mudos, que eram apresentados com o acompanhamento de músicos da cidade. De acordo com o historiador Ayres Gevaerd, era a banda que fornecia a trilha sonora, em uma sequência improvisada de músicas. Quando não era a banda, era um “DJ”, que tinha à disposição alguns discos para definir as trilhas de cada momento, à medida em que o filme passava. No entanto, imagem e som raramente combinavam.

“Na verdade, meu avô por muito tempo tinha o cinema de forma itinerante, alugando diversas salas e levando seus aparelhos aonde pudesse”, relata a sócia-proprietária das empresas Gracher e neta de Carlos, Gisela Gracher Stieven.

A cadeiras eram de palha, agrupadas e separadas por um corredor no meio do local. Havia ainda as cadeiras para o delegado de polícia e para sua esposa. Além de garantir a ordem da sessão, o delegado tinha lugar mais à frente da plateia, mas precisava assistir aos filmes de lado, entre plateia e tela, à direita do público.

Anos depois, Gracher ganha do sogro uma das primeiras casas construídas na atual avenida Cônsul Carlos Renaux. No caso, a construção abrigava um antigo convento. Ali, Gracher abriu um bar e uma loja de arreios para cavalos. Todos os cômodos restantes formavam uma pensão, que se tornaria o principal empreendimento da família até os dias atuais.

IMAGEM: Foto em preto e branco mostra homens e mulheres com roupas elegantes reunidos para comprar ingressos na bilheteria do Cine Teatro Real.

Guarany e Colyseu

Em 1934, após reformas no local, foi inaugurado o moderno Cine Guarany, onde hoje está o Shopping Gracher. Assim, o Cine Esperança foi substituído. Três anos depois, após a morte da esposa, Tereza Kormann, Gracher aluga a sala de cinema para Henrique Brattig, que muda o nome do Cine Guarany para o primeiro Cine Colyseu, e assim permanece até 1945. A transição é relatada no livro Gracher - Uma Empresa Faz 100 anos, de Nayr Flor Gracher.

Unidos pelo cinema

Em 1940, aos 17 anos, Arno Carlos Gracher, filho de Carlos, conheceu sua esposa, Nayr Flor, no Cine Guarany. Conforme conta Nayr no livro, ela havia ido com uma amiga

até o local para assistir a uma sessão de um dos filmes do herói espacial Flash Gordon.

Ainda na fila, elas foram abordadas por um rapaz, que lhe entregou dois ingressos, a mando de Arno. Eles assistiram à sessão lado a lado. Na época, Nayr tinha 12 anos. Após ter sido delatada pelo irmão, Elmo, o Lóla, a garota levou uma grande bronca e ficou de castigo. Só três anos depois, com muita insistência, o namoro havia sido aprovado pelo pai, Manoel Flor.

Cine Real e Cine Teatro Real

Foi inaugurado, em junho de 1949, o Cine Real, depois de uma grande reforma do Cine Guarany, e só aos 74 anos, em 1952, Carlos Gracher deixa as empresas da família a cargo do filho, Arno Carlos Gracher. O pioneiro, criador do Cine Esperança, falece no fim do anos 60.

Ainda em 1952, um incêndio interrompe as atividades. O fogo começa na cabine de projeção, durante uma sessão. Naqueles tempos, os filmes eram tocados a cartão. Um palito era aceso e ditava a qualidade da projeção do filme. Naquela noite, a janela do projetor ficou aberta, causando a tragédia.

Os próprios espectadores, após saírem pela única porta da sala, foram buscar água para combater o fogo. A apólice do seguro foi perdida, e o Cine Real foi fechado por meses.

Cinco anos depois, no mesmo lugar, após uma recuperação financeira da família, é inaugurado o Cine Teatro Real, no lugar do prédio onde haviam funcionado os cinemas Guarany, Colyseu e Real.

A inauguração foi realizada em 10 de agosto de 1957, às 16h, e a primeira sessão foi feita quatro horas depois, com o filme britânico Tudo que o Céu Permite (All That Heaven Allows), de 1955. A sala, de 1.250 lugares, dos quais 110 eram poltronas estofadas, ficou lotada.

Os filmes entravam em cartaz no sábado. Filmes mais famosos estreavam nas noites de sexta-feira, com reprises no sábado e no domingo. As sessões de domingo eram realizadas às 14h, 16h e 20h. A maioria do público dependia de ônibus, que chegava e partia da praça Barão de Schneeburg.

A estrutura no novo Cine Teatro Real permitia a Brusque receber sucessos de bilheteria dos principais estúdios dos Estados Unidos. O sucesso absoluto do cinema, no entanto, sofreu queda com a popularização dos aparelhos de TV. Para se manter por cima, foram feitos investimentos para que fossem trazidos filmes ainda mais consagrados e também companhias de teatro de renome nacional.

O Cine Real termina sua história com este nome em 1994, quando é fechado para dar lugar ao Cine Gracher, anexo ao Shopping Gracher.

Cine Gracher

Na inauguração do Shopping Gracher, em 17 de março de 1999, a gigantesca sala de cinema antiga já havia sido reduzida. Uma única sala, com capacidade para 230 espectadores, era o cinema de então, remanescente da sala de 1957, com novos recursos tecnológicos.

A inauguração do Shopping encerrou o período em que Brusque ficou sem cinema, já que em 1994 a sala havia sido fechada para reformas. Só em 2005 foram construídas

mais duas salas com estrutura avançada de som e imagem.

Em 2010, a família dá sequência ao pioneirismo de Carlos Gracher e Arno Carlos Gracher: chega o 3D a Brusque. “Lançamos a tecnologia do cinema 3D praticamente em simultâneo com Florianópolis e Joinville”, explica Gisela Stieven. Dois anos depois, é inaugurado o Cine Gracher na Havan.

A partir de 2013, começa uma expansão para outras cidades. Hoje, Porto União, Arapongas, Pato Branco, Porto Belo, Indaial, São Bento do Sul e Joaçaba possuem as salas que continuam o centenário cinema de Carlos Gracher.

O hotel da família Schaefer

Hospedaria foi construída no início do século 20 e recebia os imigrantes da cidade

Acredita-se que o primeiro hotel de Brusque tenha sido o Hotel Schaefer. A data exata de seu início é incerta, sabe-se apenas que o prédio foi edificado no começo do século 20.

Anúncio publicado no jornal Brusquer Zeitung, já informava, em 1912, sobre as novas instalações do hotel. “Este antigo e acreditado hotel acaba de ser reinstalado em um prédio novo, construído propositalmente para tal fim. Oferece todas as comodidades de um estabelecimento de primeira ordem, como sejam: aposentos espaçosos, bem arejados, salas para exposição de mostruários, etc. Serviço de mesa a toda hora”, diz a propaganda.

O prédio onde por muitos anos funcionou o hotel ainda existe e, com mais de 100 anos, é um dos mais antigos de Brusque. Está localizado na esquina da rua Adriano Schaefer com a Rui Barbosa.

IMAGEM: Foto em preto e branco mostra uma pintura do antigo prédio do Hotel Schaefer em destaque, com a estrada de chão e ao fundo, várias outras casas antigas.

O hotel foi propriedade de João e Mathilde Schaefer. Ele foi superintendente da cidade, mas foi Mathilde que, naquela época, gerenciava a hospedaria. “Meu pai contava que ela é quem cuidava sozinha de todo o hotel. Naquela época não era nada fácil”, conta Mariane Schaefer Minatti, filha mais nova de João Antônio Schaefer, o doutor Nica.

Muito querido na cidade, o médico - falecido em 2015 aos 97 anos - nasceu em um dos quartos do hotel de seus pais, em abril de 1918. Em suas lembranças, doutor Nica sempre relatava à família sobre a época de muito trabalho no Hotel Schaefer.

“Como meu avô faleceu muito cedo, o meu pai tinha apenas 9 anos, minha avó criou os três filhos sozinha e também administrava o hotel com uma ajudante. As duas que faziam todo o serviço. Meu pai e seus dois irmãos também tinham que ajudar nas tarefas”, destaca Mariane.

IMAGEM: Foto fechada na fachada do Hotel Schaefer com várias pessoas na rua durante uma festividade.

Tarcisio, Orlando e Nica cresceram no hotel e, ao mesmo tempo em que tinham seus afazeres, também faziam muitas travessuras. “Os três tinham pouca diferença de idade, então, logo depois que minha avó encerava todo o chão de madeira, eles iam lá e jogavam

um balde de areia. Minha avó ficava muito brava”, diz.

O hotel da família Schaefer era bastante movimentado. Era ali que muitos dos imigrantes recém-chegados na cidade ficavam até se estabelecerem na nova terra.

Por algum tempo, o hotel também abrigou o cinema da cidade, o Cine Esperança, que funcionou no salão da hospedaria e atraía inúmeros visitantes ao local.

O hotel funcionou até o fim da década de 1930, aproximadamente. “O hotel sempre foi da família Schaefer. Meu pai contava que o hotel ficou até quando ele tinha mais ou menos 15, 16 anos, quando ele foi estudar fora, e aí encerrou”.

O prédio histórico passou por várias reformas e restaurações. Depois do fim das atividades do hotel, abrigou a Rádio Araguaia, que ocupou o primeiro andar do prédio por alguns anos. Depois, também foi sede para o salão de barbearia Alvorada, que iniciou nos anos 1950 até 1980.

As cervejas que marcaram época

Desde os primeiros anos, Colônia Itajahy já registrava, pelo menos, quatro cervejarias

As primeiras cervejarias datam já dos primeiros anos de Brusque. De acordo com o álbum Brusque 152 anos de história, produzido por O Município, em 1862 a Colônia Itajahy já tinha duas cervejarias. No ano seguinte, em 1863, o número já aumentou para quatro.

Ao longo dos anos, o gosto pela cerveja só cresceu e Brusque teve várias cervejarias que marcaram época, como a de Friedrich Wilhelm Thies, que estava localizada na sede da Colônia Itajahy, próximo da esquina da atual rua Rui Barbosa com a Hercílio Luz. Do morro localizado atrás brotava uma nascente que abastecia a cervejaria e as casas próximas.

Outra que fez história na cidade foi a Cervejaria Lauritzen. Localizada no início do bairro Guarani, o empreendimento de Nicolao Lauritzen ainda está na memória de muitos brusquenses.

Neto de Nicolao, Kurt Lauritzen, 92 anos, conta que o avô tinha dois engenhos de serra, comércio e a cervejaria. Ele não chegou a conhecê-lo, já que Nicolao faleceu em 1916. Coube ao filho mais velho, também chamado Nicolau, dar continuidade à cervejaria, que produzia a cerveja Marca Brasil.

IMAGEM: Foto em preto e branco com dois homens de chapéu em frente a um carro e ao fundo a residência e a cervejaria de Nicolao Lauritzen, no Guarani.

Ingredientes importados

Kurt conta que, quando acabava a missa, todos iam para a cervejaria, que tinha muitas mesas e lá ficavam até próximo do meio-dia.

“Lembro que tinha caixas que por dentro eram forradas de folhas. Elas vinham de fora, de navio, com certeza, com o lúpulo e o malte para fabricar a cerveja”, lembra.

Ele recorda ainda da forma com que as bebidas eram refrigeradas naquela época. Embaixo da escada da casa tinha um porão de aproximadamente dois metros de altura e lá eram guardadas as garrafas, em meio a pedras que ficavam úmidas e, assim, era possível conservar a temperatura. “Eles colocavam as garrafas lá e fechavam, aí refrescava um pouquinho”.

Além da cerveja, também eram produzidas gasosas na cervejaria. Kurt guarda com carinho uma garrafa de gasosa com uma bolinha de gude que servia para segurar o gás do refresco. “Onde tinha festa, baile, domingueira, eles atendiam. Naquela época levavam tudo de carroça”, afirma.

Kurt não sabe ao certo até quando a cervejaria funcionou. Antes de fechar as portas,

a empresa foi vendida para Paulo Tensini. Depois, Florêncio Domingos, que trabalhava para Tensini, comprou a fábrica, que passou a produzir somente refrigerantes, tornando-se Fábrica de Refrigerantes Mirim. O último dono foi Osmar Melato, na década de 1960.

Cervejaria Appel

A Cervejaria Appel também marcou a história da cidade. Era administrada por Henrique Appel e irmãos e funcionava na rua Lauro Müller, nas proximidades do campo do Carlos Renaux. A cervejaria fabricava a cerveja Brusquense e, assim como a cervejaria Lauritzen, também produzia gasosa. A cervejaria funcionou até os anos 1950.

Imagem: Foto colorida de um rótulo da cerveja Marca Brasil

Imagem: Foto do rótulo em azul e amarelo da Cervejaria Brusquense

Vida e morte da Loja das Malas

Antiga Selaria Olinger foi destruída em 1971, após um grande incêndio

Em 2 de agosto de 1971, um grande incêndio no Centro de Brusque, próximo ao Colégio Cônsul Carlos Renaux, mobilizou a população 13 anos após a tragédia similar na Casa do Rádio. O fogo significava o fim da Loja das Malas, empresa tradicional fundada no início do século 20 por Arthur, Hélio e Ervino Olinger como Selaria Olinger, e razão social Arthur Olinger e Cia Ltda. O proprietário da loja na época, Moacir Laus, jogava canastra na Churrascaria do Maestri, na rua Primeiro de Maio, quando recebeu a notícia. Aposentou-se 14 anos mais tarde, em 1985.

É dito que a Selaria Olinger foi a pioneira, ou pelo menos uma das primeiras lojas do ramo em Brusque. Com curtume próprio, fabricava produtos em couro e também vendia os de outras marcas. É dito, também, que a empresa foi a primeira a vender e produzir bolas de futebol. Malas eram uma das especialidades, assim como artigos de montaria, todos costurados à mão. Entre 1956 e 1971, o proprietário da empresa, já com o nome Loja das Malas, era Moacir Laus.

Hoje aos 82 anos, Laus mora no bairro Jardim Maluche, e lembra que Arthur Olinger, principal responsável pela Selaria Olinger, era seu padrinho. Sua mãe era empregada da família Olinger. “Meu pai era tecelão da Renaux, ganhava uma miserinha. A minha infância teve, sim, algumas dificuldades.” A ajuda dos Olinger foi fundamental para uma melhor condição de vida.

Após ter estudado no colégio Feliciano Pires, Laus aprendeu sobre contabilidade com o então contador da Prefeitura de Brusque, José Rubik. “Comecei a trabalhar com 14 anos. Eram outros tempos”, comenta. O ofício foi fundamental para seu futuro. Muito por causa deste aprendizado, passou a trabalhar na Selaria Olinger, em 1951.

Ainda em meados dos anos 50, um dos sócios foi embora para Blumenau. Em 2 de fevereiro de 1956, a loja foi comprada por Laus, sob condições especiais para pagamento. Os funcionários, a princípio, iriam seguir caminho rumo a Blumenau com os antigos proprietários, mas logo retornaram a Brusque e voltaram a trabalhar na loja, que agora era a Loja das Malas.

Eram cerca de 20 funcionários com os quais a empresa mantinha funcionamento normal. A Loja das Malas adquiriu os direitos de exclusividade de venda de algumas marcas, direitos estes que pertenciam a concorrentes. Credibilidade e reputação exemplares na praça davam a Moacir Laus mais tranquilidade para trabalhar.

“Havia uma clientela boa, inclusive de São João Batista, que comprava nosso couro. Ia bastante gente para a loja, o estoque era bem variado”, relembra.

Incêndio

Depois de 5.660 dias, 15 anos e meio à frente de uma renomada empresa, tudo acabou

no incêndio. Na verdade, ainda foi possível trabalhar com o couro no curtume, mas a Loja das Malas foi destruída, e o incêndio fortalecido com produtos inflamáveis. A causa do incidente jamais foi descoberta. Para piorar, o pouco que foi recuperado foi furtado pouco tempo depois.

IMAGEM: Foto em preto e branco mostra homens e crianças de costas observando parte do prédio da Loja das Malas destruído após incêndio.

IMAGEM: Foto em preto e branco fechada em parte do prédio destruído após o incêndio.

“O dia 2 é muito marcado para mim. Em um 2 de fevereiro comprei a loja, em 2 de maio de 1959 me casei e em um 2 de agosto houve a tragédia”, comenta.

Na época, a Loja das Malas também vendia a crédito. Após o incêndio, ainda recebeu calotes. “Teve gente que disse na minha cara, não queria pagar o que devia dizendo que o seguro pagaria. Uns três, quatro clientes. E não dava, o escritório, a papelada, tudo ficava dentro da loja.”

Moacir Laus se aposentou em 1985, aos 49 anos, por tempo de serviço. “Modéstia à parte, fui um lutador, um trabalhador. Mesmo com algumas dificuldades, as coisas acabaram dando certo. Estamos aí.”

História de 109 anos

Negócio familiar centenário, Joalheria Gevaerd começou no século 20, mas só aderiu à área de ótica no final da década de 60

Em 11 de março de 1910, Evilásio Gevaerd inaugurava a Joalheria Gevaerd, a primeira loja do ramo em Brusque. À época, também era chamada de “relojoaria do Doca”, com o apelido do proprietário. De acordo com o neto de Evilásio, Adelfo, o estabelecimento começou na rua Conselheiro Rui Barbosa, no Centro de Brusque.

A história centenária da joalheria passou por diversas mudanças e episódios históricos de Brusque, inclusive as enchentes, das quais os proprietários e a loja conseguiram sair sem grandes prejuízos.

“Meu avô Evilásio era um grande empreendedor. Tinha como fornecedor Carlos Meyer, um importador de Florianópolis. Dele, comprava relógios e joias. Não havia ótica na loja daquela época. Também se trabalhava com lustres, luminárias, lâmpadas, muitos relógios de parede. Eram muitas coisas”, conta.

A historiadora Jaqueline Kuhn destaca que em edição da Revista Brusque em 1947, consta: “sua grande dificuldade era a aquisição de mercadorias, pois não havia transporte para a capital e as casas especializadas no ramo não mantinham viajantes com Brusque. Daí a necessidade do Sr. Evilásio viajar a cavalo à capital (cousa que demorava quatro dias) para comprar o que necessitava.”

IMAGEM: Foto em preto e branco mostra o interior da primeira Joalheria Gevaerd cheia de relógios na parede.

Houve um momento em que Evilásio decidiu construir um prédio em um terreno doado à sua esposa, localizado na atual avenida Cônsul Carlos Renaux, próximo onde hoje está a Livraria Graf. Neste prédio, o relojoeiro tinha seu lar e sua loja.

Adelfo, atual proprietário, conta que entre as décadas de 30 e 40, dois filhos de Evilásio, Harri e Ayres, compraram a empresa, mas seguiram pagando o aluguel do prédio, que continuava sob propriedade do fundador. “Não tinha como fazer doação, meu avô tinha outros filhos, então a empresa foi mesmo comprada”, explica Adelfo, que é filho de Harri.

A relojoaria era um ofício passado de geração a geração na família Gevaerd, apesar de Harri ter sido ourives, e por isso bastante ligado à área dos objetos em ouro e prata. Adelfo, nascido em 10 de dezembro de 1944, começou como relojoeiro por volta dos 15 anos.

IMAGEM: Foto da página de registro da joalheria datada de 11 de março de 1910.

Quando a antiga relojoaria do Doca já tinha quase 70 anos, a empresa passou a ter também a parte de ótica entre suas atividades, por iniciativa de Adelfo. Em 1967, fez seu primeiro curso de ótica, e em 1969 se formou em Caxias do Sul (RS).

Em meio à extensa história da loja, Adelfo se perde entre suas memórias. Sem conseguir precisar a data, diz que na década de 1980 a joalheria chega à sua terceira geração.

Adelfo, seu irmão Rogério e o primo Ayres compram a empresa. O imóvel de Evilásio Gevaerd já havia sido comprado. O lado da família de Ayres Gevaerd ficou com o prédio, e o de Harri, com a empresa. Por volta de 1990, em imóvel próprio, a Gevaerd, já como joalheria e ótica, passou a operar na rua Adriano Schaefer.

Atualmente com filial em Guabiruba, Adelfo fica feliz em dizer que seus filhos também estão dispostos a continuar a empresa centenária e pioneira. Aos 110 anos, o legado de Evilásio Gevaerd passa por gerações e mais gerações, rumo ao bicentenário e além.

A pioneira da metalmecânica

Fundição Hércules nasceu da visão de Oswaldo Loos e deu início ao setor que é uma das bases da economia de Brusque

Em julho de 1945, surge em Brusque a Fundição Hércules. A empresa deu início ao setor metalmecânico no município, que hoje, junto com o têxtil, é uma das bases da economia da cidade.

A empresa, que continua em atividade, foi idealizada por Oswaldo Loos. Ele trabalhou por alguns anos na empresa Garcia, de Blumenau, e foi lá que aprendeu a trabalhar com o ferro. A indústria era têxtil, mas tinha uma fundição própria que fabricava as peças para os teares.

Tempos depois, Oswaldo foi convidado a ir para Itajaí. Lá, trabalhou em uma outra fundição, até ser convencido pela esposa, Maria Dirschnabel, a montar um negócio próprio em Brusque.

“Minha mãe era de Guabiruba, e na época meu pai passava por trás da Garcia, subia o morro para ir ver ela. De tanto minha mãe insistir, ele veio para Brusque e montou a empresa”, conta o filho mais velho do casal, Leonardo Loos.

Quando Oswaldo decidiu vir para Brusque, não conhecia ninguém. Com a cara e a coragem, começou a construir sozinho a sua empresa, na rua do Centenário. “Foi no peito e na raça”, diz o filho.

Entretanto, chegou um momento em que o dinheiro que ele tinha não era mais suficiente para continuar a construção e dar sequência aos negócios. A saída foi ir atrás de sócios para começarem, de fato, a fundição.

Trinta homens contribuíram e se tornaram sócios da Fundição Hércules, tornando o negócio possível: Germano Jacob, Waldemar Becker, Euwaldo Debatin, João Dirschnabel, Nicolau Westarb, Leopoldo Ramos, Henrique Janning, Benedito Klein, Otto Kosel, Antonio Kormann, Otto Schaefer, Adrio Keunecke, Arthur Schlosser, Anselmo Mayer, Alexandre Brasil, Antonio Zendron, Ewaldo Schlindwein, João de Freitas, Bernardo Stark, Carlos Gracher, Vicente Antonio Tomio, Andrea Nicoletti, Oscar Krieger, Júlio Fischer, José Bolognini, Theodoro Debatin, Vidal Batistotti, Júlio Paulo Tietzmann, Waldir Walendowsky e Rudi Fuchs.

IMAGEM: Foto em preto e branco mostra três homens bastante sujos, derramando metal líquido em uma grande caixa.

“Todos eles ajudaram meu pai a fazer a firma”, destaca Leonardo.

Oswaldo morreu cedo, com 48 anos, em 1964. A partir daí, Leonardo assumiu o comando da empresa. Pouco a pouco, ele foi comprando as ações dos sócios, até que a empresa ficasse somente com a família Loos.

Leonardo lembra com saudade da época em que trabalhou ao lado do pai na fundição. Várias histórias estão vivas na memória do aposentado. “Meu pai não deixava empregado

nenhum sair sem tomar um aperitivozinho de cachaça por causa do corpo quente que ficava perto dos fornos. Era proibido até tomar água”, recorda.

Fundição Hércules

Na fundição, foram fabricados todos os tipos de equipamentos e até objetos que fazem parte de pontos turísticos de Brusque, como algumas esculturas do Parque das Esculturas e também o teleférico do Zoobotânico.

Leonardo conta ainda que foi seu pai o responsável por trazer a empresa Souza Cruz para Brusque. “Nós fabricávamos para eles adubadeira, capinadeira, estufa para secar o fumo. O prefeito na época era o Carlos Moritz”.

O aposentado não sabe ao certo de onde o pai tirou a ideia de nomear a empresa da família como Fundição Hércules, provavelmente, da mitologia grega, o que para ele, foi uma decisão mais do que acertada.

“Deve ser de algum livro, alguma história, mas o nome foi certo porque o serviço era pesado, precisava de gente de muita força para trabalhar ali. Cada panela com ferro pesava 50, 60 quilos”.

Mais de 70 anos depois, a empresa continua ativa. Saiu da rua do Centenário e foi para o bairro Bateas. Hoje, quem administra a empresa é o filho mais novo do fundador, Oswaldo Loos Filho, o Chico, que também já se prepara para passar os ensinamentos às novas gerações.

“É um grande orgulho porque a empresa conseguiu se manter depois de tantos anos. Agora as novas gerações estão entrando e vão assumir a empresa e o legado do nosso pai”.

O inconfundível sabor da geladinha

Sorveteria Gleich ainda é lembrada pela qualidade do sorvete pioneiro em Brusque

Que brusquense com mais de 60 anos não lembra do sabor único das geladinas produzidas na Sorveteria Gleich?

Localizada onde hoje é a avenida Cônsul Carlos Renaux, no Centro, no prédio onde está a loja de colchões Ortobom, a sorveteria da família Gleich iniciou suas atividades na década de 1930 e é considerada a primeira do município.

Hoje moradora de Balneário Camboriú, Sueli Gleich, neta de Edith Koehler Gleich e Oswaldo Adolpho Gleich - os proprietários do estabelecimento - tem muitas lembranças da sua época de infância e também da sorveteria sempre cheia.

IMAGEM: Foto em preto e branco do casal Adolpho e Edith Gleich no quintal de casa. Ele vestindo calça e camisa social e gravata e ela um vestido longo de mangas curtas.

Ela conta que tudo começou com a fábrica de gelo que seus avós tinham. “Na época, pouca gente tinha geladeira. Eles fizeram uma fábrica de gelo e vendiam porque as geladeiras eram de madeira, revestidas com zinco e forradas com sal para permanecer por mais tempo o gelo”.

Tempos depois, Edith decidiu se aventurar e fazer sorvete. Com sabor e qualidade únicos, logo a novidade se espalhou na cidade. “O sorvete dela era diferente. Até hoje eu nunca mais comi um sorvete parecido. Os mais velhos lembram até melhor do que eu”, diz.

Sueli conta que o sorvete feito por Edith era totalmente natural e artesanal. O leite era trazido de Guabiruba, fervido com favo de baunilha, ovo e açúcar. Em seguida, essa mistura era jogada fervendo dentro da máquina de gelar.

“Era um sorvete artesanal, sem nenhum produto químico. O coco era ralado e a gente conseguia até comer pedaços de coco dentro do sorvete”.

Além do sorvete comum, Edith fazia também o esquimó - sorvete de creme com coco mergulhado no chocolate - e os mais variados sabores de picolé.

“Agora eu fico pensando isso tudo nos anos 30, o empreendedorismo deles. Tinha os carrinhos de picolé da sorveteria também que percorriam a cidade. O ponto alto era a festa da matriz São Luís Gonzaga e a festa de Azambuja, que reunia uma multidão”.

Mesmo com a sorveteria já consolidada, Edith não parou de inovar. Ela ficou sabendo que no Rio de Janeiro tinha uma fábrica de waffle, ela mandou fazer formas especiais de waffle e foi assim que surgiu a famosa geladinha. “Embaixo era waffle, aí vinha o sorvete e a outra parte do waffle em cima. Ela embrulhava no papel manteiga. Era uma coisa

diferenciada. Nunca mais eu vi esse tipo de produto”.

No grupo Curto Fotos Antigas de Brusque, no Facebook, muitos relatam com saudade dos tempos em que saborearam o sabor único da geladinha da Sorveteria Gleich e aproveitaram o frescor das árvores na parte de trás do estabelecimento, onde havia uma espécie de parque.

“Era o ponto de encontro de Brusque. Muitos casais se conheceram e namoraram ali. Sábados e domingos à tarde, era muito movimentada. Era um local saudável, de encontro dos jovens, com um romantismo que hoje acho que faz muita falta”.

Mais tarde, a família abriu também um restaurante nos fundos da sorveteria. O estabelecimento também era muito bem frequentado, inclusive, foi o local escolhido para o jantar do presidente Juscelino Kubitschek, quando em visita à cidade.

A Sorveteria Gleich foi o ponto de encontro dos brusquenses até o início dos anos 60, quando encerrou suas atividades. Edith Gleich faleceu em 1965, já Oswaldo, em 1976.

“É uma história muito bonita, nos orgulhamos muito por saber que as pessoas sentem saudade e reconhecem a qualidade do sorvete que era produzido ali”, diz Sueli.

Extra! Extra! Surge o primeiro jornal

Brusquer Zeitung circulou de 1912 a 1917 no idioma alemão

Oficialmente, o primeiro jornal de Brusque nasceu no dia 1º de janeiro de 1912. Criado a partir de uma sociedade de acionistas presidida por Otto Renaux, coube ao *Brusquer Zeitung* escrever as primeiras linhas da história da imprensa do município.

Seguindo o modelo dos primeiros jornais de Santa Catarina, o *Brusquer Zeitung* circulou no idioma alemão, já que naquela época havia pouco conhecimento da população brusquense sobre o português.

No Álbum do Centenário de Brusque, Ayres Gevaerd relata que antes do surgimento do *Zeitung*, as notícias sobre Brusque e as publicações oficiais da cidade eram realizadas nos jornais de Blumenau e Itajaí.

Ayres também relata que o jornal *O Novidades* trazia notícias de Brusque, mas em vernáculo, ou seja, no idioma próprio do país: o português, o que tornava sua compreensão difícil pela população, pois não havia ensino público e o ensino privado era realizado no idioma alemão.

Por este motivo, Otto Gruber idealizou um jornal próprio para Brusque e uniu-se a Otto Renaux, que mantinha uma livraria e tipografia, para torná-lo realidade. De acordo com Ayres Gevaerd, Gruber foi o primeiro redator do *Brusquer Zeitung*. Depois, Carlos Renaux assumiu a função, de 24 de abril de 1915 a 13 de novembro do mesmo ano e, em seguida, Moritz von Schoenebeck.

Em seu artigo no Álbum do Centenário de Brusque, Ayres Gevaerd diz que a propaganda dos sentimentos e cultura germânica presentes na época também pode ter contribuído para o surgimento do jornal.

“Não faltavam, no período que antecedeu à primeira grande guerra, espíritos exaltados, e sua influência na comunidade era realmente grande”, diz.

O jornal, tinha quatro páginas, e segundo artigo publicado pelo historiador da Fundação Cultural de Brusque, Álisson Castro, na Sala Brusque Virtual, o *Brusquer Zeitung* trazia além de notícias locais, informações internacionais, sobretudo da Alemanha, e acontecimentos de outros estados brasileiros.

Dois anos após a primeira edição em alemão, nasceu a versão em língua portuguesa do jornal, denominada *Gazeta Brusquense*, que circulou junto com a versão em alemão. A *Gazeta Brusquense* seguiu até 1927.

Já o *Brusquer Zeitung* circulou até 1917 quando o governo brasileiro determinou a suspensão de publicações em alemão, devido à declaração de guerra à Alemanha.

IMAGEM: Foto em preto e branco da capa da primeira edição do jornal *Brusquer Zeitung*, com todas as notícias em alemão.

Outros registros

O Brusquer Zeitung é considerado o primeiro jornal de Brusque, entretanto, o livro História dos Jornais de Santa Catarina (1831-1948), de José Arthur Boiteux, Lucas Alexandre Boiteux e José Lupércio Lopes, relata que em 1896 surgiu em Brusque o jornal Sonntagsblatt Fur Die Evangelischen Gemeiden in Sts. Catharina.

Segundo a publicação, o jornal tinha como proprietário e redator o pastor de Brusque Guilherme Lange. O periódico circulou, pelo menos, até 1906.

A companheira dos brusquenses

Fundada em setembro de 1946, Sociedade Rádio Araguaia foi a primeira emissora de Brusque

6 de setembro de 1946. Foi neste dia que Brusque ganhou sua primeira emissora de rádio. Fundada pelo advogado Raul Schaefer, a Sociedade Rádio Araguaia foi ao ar pela primeira vez, ao vivo, no dia 7 de setembro, transmitindo de forma improvisada o desfile alusivo ao Dia da Pátria, na avenida Cônsul Carlos Renaux.

Filha do fundador, Ana Maria Schaefer Ferreira de Mello conta que Raul graduou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná em 1945. Bom orador e com domínio da escrita, ele concluiu sua formação superior e retornou a Brusque, sua cidade natal, trazendo consigo ideias de progresso e desenvolvimento comunitário. “Participou ativamente do contexto da redemocratização nacional e dos novos ares de liberdade que consolidavam com o fim da Segunda Guerra”, diz.

Somente a advocacia não lhe bastava para realização pessoal. Ana Maria conta que o pai sempre acreditou que Brusque e região tinham potencial econômico e cultural para maior protagonismo na cena catarinense. “Ele entendia que deveria contribuir para o crescimento de sua cidade e região. Estava convicto de que seu povo carecia e merecia dispor do poder e alcance das ondas do rádio”.

Foi neste contexto que ele criou a Rádio Araguaia, a sétima emissora implantada em Santa Catarina e que há 72 anos faz parte do dia a dia dos moradores de Brusque e região. “Esse haveria de ser o novo meio de aproximar as pessoas, levar a elas democraticamente informações, opiniões, defender e articular os interesses comunitários, enfim promover cultura e também lazer”, destaca Ana Maria.

Raul detinha a maior parte das ações da emissora, mas para poder realizar o desejo de fundar a primeira rádio de Brusque, teve parceria de Otto e Guilherme Renaux, Nivert Debrassi e de seus irmãos Adriano, Euwaldo e Luiz. O registro na Junta Comercial do estado ocorreu em agosto de 1947 e o alvará definitivo de funcionamento foi obtido em 29 de julho de 1950.

O primeiro estúdio da Rádio Araguaia foi na rua Rui Barbosa, no Centro, no antigo Hotel Schaefer. Nos primeiros tempos, a emissora contou com alguns colaboradores. Nivert Debrassi foi o primeiro locutor da rádio. O segundo funcionário foi Celso Teixeira que, mais tarde, tornou-se cronista esportivo. A sonoplastia era de responsabilidade de João Luiz Schafer, primo de Raul. Junto com ele trabalhava Waldemar José Duarte, depois batizado de J. Duarte. Erondino Fagundes de Moraes também colaborou. Maria Iracema foi a primeira mulher a ocupar os microfones da emissora.

IMAGEM: Foto em preto e branco dos radialistas da Rádio Araguaia: Jota Duarte, Celso Teixeira e Dário da Silva entrevistando um homem.

Profissionalização

Raul, entretanto, sentiu necessidade de profissionalizar o trabalho da rádio. Foi então que em 1947, o fundador convidou Wilson Erasmo Quintino dos Santos para se juntar à equipe. Foi ele o primeiro profissional do rádio brusquense.

Wilson veio de Blumenau e dinamizou os trabalhos da emissora. Foi a partir de sua chegada que a Rádio Araguaia iniciou seus famosos programas de auditório e apresentações ao vivo de duplas sertanejas regionais e duplas consagradas como Pedro Bento e Zé da Estrada, Canário e Passarinho, Tibaji e Miltinho, e músicos consagrados como o acordeonista Mário Zan, Alcides Gerardi e Aldo Krieger.

A emissora também ficou famosa por entrevistas célebres como a do ator e comediantes brasileiro Grande Otello. Nas décadas de 50 e 60, transmitiu radionovelas de sucesso nacional, como Direito de Nascer, por exemplo.

Ao longo desses mais de 70 anos no ar, a Rádio Araguaia se notabilizou por revelar grandes nomes do cenário radiofônico catarinense. Um deles é Saulo Tavares, que iniciou suas atividades na rádio em outubro de 1962 como sonoplasta e logo depois assumiu os microfones, permanecendo até hoje.

O legado de Raul Schaefer, iniciado naquele 6 de setembro de 1946, permanece. Ao longo desses 72 anos, a primeira emissora brusquense conquistou uma legião de ouvintes fiéis que têm a rádio como uma companheira do dia a dia.

História centenária

Criada em 1900, Vinagre Heinig é a fábrica mais antiga do segmento em atividade no Brasil

Após trabalhar por um período em uma fábrica de vinagres em Blumenau, Max Heinig decide se mudar para Brusque e montar a sua própria empresa.

No bairro Bateas, bem próximo da estrada que levava a Blumenau, ele instalou a sua própria fábrica: a Vinagre Heinig.

Em uma casinha de madeira, bem rústica, ele começou as atividades de sua empresa que, 119 anos depois, continua ativa e no mesmo lugar.

O início é datado de 17 de abril de 1900, entretanto, acredita-se que a fábrica tenha iniciado alguns anos antes, no fim da década de 1890.

IMAGEM: Foto do termo de abertura da fábrica de vinagre, escrito a mão, e datado de 17 de abril de 1900.

“Não temos muitos registros deste início. O que nos garante que a fábrica já existia em 1900 é um documento daquela época que achamos há alguns anos”, conta Hermes Heinig Filho, o Chico, atual proprietário da empresa.

Ele é bisneto do fundador e representa a quarta geração à frente da fábrica iniciada por Max.

O documento que dá à fábrica do bairro Bateas o título de mais antiga do país neste segmento foi encontrado pelo pai de Chico, Hermes Heinig, por acaso.

O documento, escrito a mão, diz que “servirá este livro para escripturação do movimento da fábrica de Vinagre de Max Heinig”. No final, a data é 17 de abril de 1900.

“O documento ficou guardado por alguns anos, até que eu mandei restaurar. É esse documento que prova que ela já existia em 1900”, diz.

De lá para cá, muita coisa aconteceu. A forma de se trabalhar mudou e o processo se modernizou. Se na época de Max Heinig tudo era muito manual, hoje, a fábrica é totalmente automatizada e com uma linha ampla de produtos.

Atualmente, são vários tipos de vinagres produzidos pela fábrica centenária: o tradicional de álcool, de maçã, de vinho tinto, de vinho branco, de arroz, o balsâmico e o condimentado.

“Por muito tempo a fábrica só fazia o vinagre de álcool. Na época do meu bisavô, do meu avô, esse vinagre era usado para tudo, pra limpar machucado, pra aliviar dor. Com o passar do tempo, a fábrica foi se modernizando e criando novos produtos”.

IMAGEM: Foto colorida da fachada atual da fábrica de vinagres, em verde, amarelo e branco, localizada no Bateas.

Chico conta que ele foi criado dentro da fábrica e lembra que o processo era bem diferente do que é hoje. “Quando eu comecei, não tinha garrafa de plástico. Era tudo vidro, garrafa

de cerveja. A gente pegava a garrafa, lavava, engarrafava o vinagre, colocava a tampinha e vendia. Levava dez caixas no mercado e trazia outras dez vazias”.

Apesar de ser a maior fábrica de vinagre de Santa Catarina e estar presente nos três estados do Sul e também em alguns pontos de São Paulo, a Vinagre Heinig continua sendo uma empresa familiar, assim como na época de seu criador.

De Max Heinig, a fábrica passou para seu filho, Arthur Erico Heinig, depois para o neto, Hermes Heinig, e agora está sob o comando do bisneto. “Tenho duas filhas que trabalham comigo na fábrica e elas que serão as responsáveis por continuar essa história. Sempre digo: eu tive a responsabilidade de três gerações, elas terão que continuar a história escrita por quatro gerações”.

A primeira escola de idiomas de Brusque

Professora, tradutora e intérprete comprou franquia da Yázigi em 1969 e começou dando aulas para a alta sociedade do município

Era 1969 quando a tradutora, professora e intérprete Helga Kamp começou a primeira escola de idiomas de Brusque. Nascida em Blumenau em 13 de março de 1932 e descendente de uma nobre família alemã, aproveitou os privilégios que possuía para viajar por diversos países, se tornar poliglota - fala alemão, português, inglês, espanhol, francês e italiano - e então compartilhar parte de seus conhecimentos com a cidade em que mora até hoje.

Helga cresceu em um ambiente em que as origens alemãs se faziam presentes pela casa. Aprendeu alemão e português quase simultaneamente e, mais tarde, fez o curso de inglês e o de francês. Foi criada de forma quase cosmopolita.

Ainda na infância, Helga já era relacionada ao estrangeiro: seu apelido de infância era Micki, o que deduz ser uma referência a Mickey Mouse, personagem de Walt Disney.

Era 1952, por insistência da mãe, fez um curso de verão nos Estados Unidos. A experiência foi interrompida quase na metade, quando seu pai, diretor técnico da empresa da família, a Büettner, faleceu.

Seis anos mais tarde, em 1958, Helga vai com a mãe à Europa, onde morariam durante um ano. Os destinos foram Itália, Suíça e Alemanha.

IMAGEM: Foto em preto e branco do Casarão Buettner, em 1906. Prédio de três andares, com várias janelas e arbustos no jardim.

Pausa para a família

A mãe de Helga retorna ao Brasil em abril de 1959, mas ficou acordado que a jovem tradutora continuaria na Europa pelos próximos seis meses, o que determinaria os rumos de sua vida.

Foi em um restaurante vegetariano de Munique em que Helga Erbe conheceu um jovem alemão nascido no Chile: Ernst Otto Kamp. É com Kamp, filho de um embaixador alemão no Chile, que Helga se casa, apenas seis meses depois de terem se conhecido. E é com Kamp que Helga vive até hoje, 59 anos depois.

Desde então até 1969, ela se dedica à criação de seus três filhos e de sua única filha, conciliando as atividades domésticas com algumas aulas de idiomas que ministrava a algumas jovens da chamada alta sociedade brusquense.

Em 1969, um senhor de sobrenome Werner a procurou com uma proposta: assumir um de seus grupos de alunas de inglês. A resposta foi imediata: não. Afinal, o caçula sequer havia completado dois anos, e era necessário cuidar da família.

Ele ministrava as aulas em uma sala alugada acima do Cine Coliseu. Utilizava o método

Yázigi, da escola que ele possuía na cidade onde morava. Ele insistiu no pedido a Helga, assim como sua mãe, que promete cuidar das crianças enquanto a filha estiver em sala de aula. A proposta ficou mais interessante.

“Ao saber deste plano, meu irmão Rolf, então diretor técnico da Büettner, cedeu a casa construída pelo nosso avô, Eduard von Büettner, que pertencia à empresa. Tudo sem nenhuma contrapartida, para que eu pudesse instalar a minha própria escola”, explica.

Helga então viaja a São Paulo para conhecer a matriz da Yázigi, seus métodos e exigências. A empresa já possuía franquias em diversas capitais do país. Na época, Brusque já possuía cerca de 30 mil habitantes, um dos requisitos mínimos para um município possuir uma franquia.

Em setembro de 1969, a escola Yázigi de Brusque iniciava suas atividades, no primeiro andar da casa construída por von Büettner. Suas primeiras alunas foram todas senhoras da alta sociedade do município.

Filhos de pastores luteranos e das próprias professoras eram isentos dos pagamentos, com os quais as classes mais altas poderiam arcar.

Micki se tornou, então, a dona da primeira escola de idiomas de Brusque, e da primeira franquia. Tudo em uma época na qual o ensino de idiomas ainda era restrito às grandes cidades e na qual o fato de uma mulher trabalhar por conta própria e ter seu próprio negócio era mais comum, mas ainda raro.

Evoluções

A partir do final dos anos 70 e principalmente durante os anos 80 e 90, a escola começou a crescer, pois a procura por aulas de idiomas começou a se popularizar, com o acesso da classe média aos cursos. Em 1980, a professora Lenita Siegel se tornou a sócia para a abertura de uma nova escola de Helga Kamp, uma Yázigi em Blumenau.

Em 1983, a velha mansão onde a escola esteve instalada foi demolida. A área central de Brusque que era propriedade da Büettner foi vendida para que novas instalações fossem construídas no bairro Bateas. Helga não queria que o casarão tivesse sido demolido. Já havia buscado abaixo-assinados e enviado ofícios à Fundação Catarinense de Cultura, mas sem sucesso.

Em 1985, a Yázigi de Brusque se mudou para a rua Rodrigues Alves, 350. As instalações passaram por grandes melhorias, desde a placa luminosa no lado de fora até o maior espaço das três salas de aula. Junto a todas as mudanças, a mais chocante era o início da informatização do sistema de controle da escola.

Adeus

Helga Kamp sentia seu ciclo na Yázigi perto do fim. Em 1989, a tradutora e intérprete completava 20 anos comandando a escola de idiomas. No início da década de 90, ela já havia cedido a coordenação para outras professoras.

A escola chegava aos seus 28 anos em 1997, e Helga completava seus 65 naquele 13 de março. A Yázigi de Brusque já havia passado por dias melhores financeiramente e, para completar, a coordenadora Karina Ristow havia anunciado que abriria sua própria franquia, da Link Idiomas.

“Ainda hoje a Link é referência, principalmente nos cursos para crianças. E ela decidiu

pela franquia independentemente do ônus que isto carrega. Na Yázigi, 8% de todo o faturamento era repassado à franqueadora”, conta Helga.

Sabendo que uma longa fase de 28 anos estava acabando, Helga Kamp refletiu sobre o que queria fazer pelos próximos anos. Os filhos já estavam crescidos e bem encaminhados. Ernst, seu marido, estava aposentado. Um jovem professor de inglês procurava uma franquia para comprar. Micki tinha uma franquia para vender.

“Decidi que não queria continuar, porque não era daquele jeito que eu pretendia continuar a minha vida pelos próximos anos, ao lado do meu marido. Então continuei fazendo traduções, principalmente de textos técnicos, junto com ele. E sabe o que eu também fui fazer? Voltei a fazer minhas aulas de canto lírico”, encerra, aos risos, a pioneira.

O point chique dos anos 50 e 60

Local reunia juventude das classes altas de Brusque com refeições, dança e paquera

O restaurante dançante Carlinhos Bar foi um dos locais mais marcantes de Brusque nos anos 50 e 60. Sua história durou pouco, mas o local ficou na memória dos jovens das classes sociais mais altas naquela época e tiveram a chance de fazer refeições e dançar no local, que ficava no prédio onde hoje está o Shopping Gracher. O estabelecimento foi uma das várias empresas da família Gracher, e é considerado o primeiro point chique de Brusque.

Carlos Gracher Neto, filho de Arno Carlos Gracher e neto de Carlos Gracher, tinha aproximadamente cinco anos quando foi criado o bar em sua homenagem, no segundo semestre de 1957. “Apesar da pouca idade, ele gostava de estar no meio dos adultos, participando das comemorações. O ambiente era muito aconchegante e familiar”, relata Naysa Gracher, mãe de Carlos Gracher Neto, no livro Gracher - Uma empresa faz 100 anos.

“Aos domingos, depois da missa, se dançava até 11h30. As tardes dançantes atraíam jovens de Blumenau, Itajaí, Florianópolis e até de Curitiba. A bebida mais consumida era o Cuba Libre [coquetel feito à base de rum, refrigerante de cola e limão] e as músicas de Ray Conniff encantavam a todos - ora tocadas no piano, ora em discos numa vitrola”, relata Naysa no livro.

IMAGEM: Foto em preto e branco da eleição do Brotinho do Mês. Na imagem, duas mulheres de vestido se cumprimentam com beijo no rosto, cercadas por outras pessoas e um homem de terno no microfone.

Vânia Gracher Baran, uma das filhas de Arno Carlos Gracher, afirma que seu pai permitia que ela frequentasse o estabelecimento da própria família. “Quando abriu, acho que eu tinha uns 12 anos. Meu pai morria de ciúmes. Para mim, era um cômodo da casa. Ele dizia que os rapazes iriam me tirar para dançar, e eu acabaria dançando com 12 anos. Eu aparentava ser mais moça.” Só aos 14 anos foi dada a permissão.

Solenidades oficiais e aniversários de família também costumavam ser realizados no Carlinhos Bar. E era praticamente tradição: às 10h30 de domingo, após a missa, os jovens iam ao Carlinhos Bar, muitas vezes embalado por Raynério Krieger no piano. Mensalmente, colunistas sociais elegiam a Brotinho do Mês, uma espécie de miss entre as frequentadoras do local. Os agitos terminavam antes da meia-noite, e, conforme o rito social, mulheres precisavam estar acompanhadas da família.

“Havia diversos quesitos para a eleição de Brotinho do Mês. No fim, acabava-se quase fazendo um rodízio. Tinha faixa e tudo. Se não me engano, geralmente era no terceiro

domingo do mês. Colunistas sociais de Florianópolis e Blumenau vinham para cá”, relembra Vânia, que teve sua festa de 15 anos no local

Ela relata ainda uma rivalidade entre os rapazes de Brusque com aqueles que vinham de fora, especialmente de Blumenau e Florianópolis, que vinham à procura das garotas brusquenses. “Ali começaram muitos namoros, que depois viraram casamentos. Muita gente veio para Brusque e também saiu de Brusque em função dos encontros no Carlinhos Bar.”

“O Hotel Gracher, que ficava no mesmo prédio, também teve um papel importante nisso. Eram apenas homens solteiros que se hospedavam no hotel, e acabavam conhecendo moças daqui”, lembra a irmã de Vânia, Gisela Gracher Stieven.

IMAGEM: Foto em preto e branco do interior do Carlinhos Bar, com duas mesas com toalhas brancas e ao fundo um balcão com uma prateleira com bebidas e enfeitada com decoração natalina.

O fim da onda

O dono do Carlinhos Bar, Arno Carlos Gracher, sentiu um choque de gerações entre os anos 50 e 60 e começou a se cansar do negócio, conforme contam suas filhas, Vânia e Gisela. O público passou a ser outro, popular. Chegava uma geração nova. Desmotivado, Gracher preferiu não investir mais.

“Passou a ser mais danceteria. O pai se incomodou a ponto de ter que tirar algumas pessoas que passavam um pouco dos limites, principalmente em relação ao horário de ir embora e à bebida. Isto causava alguns atritos, porque às vezes eram filhos de seus amigos”, explica Vânia.

Vânia e Gisela não se lembram da data exata do fechamento do Carlinhos Bar, mas acreditam que foi no início dos anos 60, quando a família Gracher abriu a fábrica de sorvetes Real no mesmo lugar do bar.